



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 22.2.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistados: Juliano Homem de Siqueira

Responsável pela transcrição: Lucila Barbalho Nascimento (bolsista)

Carlos Gomes: Bom, boa tarde a todos. Nós vamos criar um roteiro. Kadma o enviará para os membros da Comissão e as pessoas que participaram. Elas vão assinar a ata e, antecipadamente, a minuta, para verificar se houve alguma omissão, alguma coisa, porque a gente não perde o tempo lendo a ata, a tendência é que ela fique cada vez mais ampla. Mas, como não tomamos essa providência, não houve tempo hábil. Hoje nós vamos ler a ata da reunião anterior. Mas, antes de ler, quero dizer que recebi uma ponderação do nosso bolsista Juan sobre a possibilidade de se iniciarmos as reuniões um pouco mais cedo. Acho que é um pouco complexo isso, em razão dos afazeres dos membros da Comissão etc. Entretanto, ele fala que é interessante haver um tempo maior para que os bolsistas se apresentem, façam uma exposição das suas ações, dos seus trabalhos. Eu reputo isso interessante e me comprometo a chegar às 14h:30m, com a única finalidade de ouvi-los, enquanto os demais membros chegam e a gente começa a sessão da entrevista com os nossos companheiros. Professor Almir, por gentileza.

Almir Bueno: [Inaudível].

Carlos Gomes: Claro, claro, claro. É.

Almir Bueno: [Inaudível].

Carlos Gomes: É verdade.

Almir Bueno: [Inaudível].

Carlos Gomes: É.

Almir Bueno: [Inaudível].

Carlos Gomes: Verdade.

Almir Bueno: [Inaudível].

Carlos Gomes: É, exato! Então.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Perfeito! Realmente eles ficam com o tempo curto. Eu chegarei às duas e meia, porque aquilo que for interessante submeter à Comissão composta, nós renovaremos. Às vezes são pequenas informações, então eu gostaria de combinar com os bolsistas o seguinte: que eles fizessem uma pequena resenha, não é ata, não é nada, uma resenha por itens de suas providências durante o trabalho da semana e que a encaminhassem por e-mail pra Kadma até a quarta-feira, porque ela já poderia enviar pra todos nós e nós já teríamos uma noção. Agora, quando houver necessidade de ouvir somente os bolsistas ou de mais tempo com os bolsistas, eu marcarei uma reunião só pra isso. Mas eu gostaria que em todas as sessões os bolsistas participassem. A partir da próxima, eu chegarei de duas e meia para ouvi-los e saber sobre alguma providência que tenha que ser tomada. Outra coisa: mais adiante, quando chegarem os outros membros,

eu vou combinar com eles para começarmos a dividir tarefas para fazer o relatório. Eu vou fazer um esboço, como fosse um livro, um sumário. E, por exemplo, o professor Almir poderia falar sobre, vamos dizer, o ambiente do país no período que eles querem: 1946 até 88. Faria uma exposição pra gente, para ficarmos situados no contexto de todo esse movimento. Então, quando todos chegarem mais tarde, nós podemos fazer um pequeno sumário. Bom, a finalidade específica da nossa reunião de hoje é ouvir o professor Juliano Siqueira que, certamente, além de um participante ativo no período que nós estamos analisando, é possuidor de ricas informações que nos darão muitos roteiros para o prosseguimento dos trabalhos. Eu tive a ideia de, preliminarmente, enviar uma correspondência a uma pessoa que conheço – com o qual eu me correspondo –, o Doutor Geniberto Campos. Enviei pra ele um pequeno questionário, pedindo que prestasse informações. De acordo com esse questionário, nós vamos ver o que se pode fazer. Da mesma forma estou para conseguir o endereço de Ginani, que mora em São Paulo. Aliás, segundo informações que recebi de Ciro Tavares, ele está em São Paulo. Então eu sei que Geniberto é em Brasília, mas Ginani estaria em São Paulo. Sobre isso tiramos as conclusões e vamos ver como fazemos. Também, com as informações da reunião anterior, nós temos alguns nomes que vamos ter que convocar, como José Maria Figueiredo que, segundo o Coronel Renato Leite, foi quem ficou com toda a documentação. Então é muito importante a presença dele. Agora, antes de mais nada, abrindo a sessão, oficialmente, eu gostaria que Kadma lesse a ata. Infelizmente, na próxima vez a gente vai receber isso antecipadamente. Mas hoje ela vai ler a ata da sessão anterior, por gentileza.

Kadma Maia: Ata da reunião da Comissão da Verdade da UFRN. Aos quinze dias do mês de fevereiro de dois mil e treze, às quinze horas e quinze minutos, na sala de reunião dos Colegiados Superiores, na Reitoria, Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi realizada a reunião da Comissão da Verdade por convocação do seu Presidente Carlos Roberto de Miranda Gomes. Estiveram presentes os membros: Carlos Roberto de Miranda, Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade, Almir Carvalho Bueno, Moisés Alves de Souza, Justina Iva, os bolsistas: Thales Gomes de Lima, Lauro Carvalho de Siqueira, Juan de Assis Almeida, Patrícia Vanessa de Moraes e Edílson Pedro da Silva; a professora Maria da Conceição Fraga; os

representantes do Centro de Direitos Humanos da UFRN: Magnus Henrique da Silva Marques, Hélio Miguel Santos Bezerra e Vitor Darlan de Oliveira; Gabriel Gomes Monte do RPPDHNET; Jana Bezerra de Sá, da ADURN/Sindicato; e os convidados: Coronel José Renato Leite e o economista senhor Roberto de Oliveira Monte. Os trabalhos foram abertos com a leitura da ata da reunião anterior e sua aprovação, seguidos da coleta de assinaturas na lista de presença. Ao abrir os trabalhos, o Presidente dá conta aos presentes da pauta do dia e convida o Coronel José Renato Leite a conceder entrevista, solicitando que o mesmo se identificasse para efeito de gravação. Em seguida, o Presidente indaga a sua ligação do Coronel com a ESI ou ASI da UFRN. Ele responde que foi convidado pelo Reitor Genivaldo Barros e pelo Pró-reitor Luiz Eduardo Carneiro para ocupar a Chefia daquela Assessoria de Informação e Segurança, pois necessitavam afastar o senhor Adriel Lopes Cardoso, que vinha causando mal estar entre a comunidade universitária. Aceitou e esteve à frente daquele órgão entre 1985 a 1990. Toda a documentação gerada naquele setor ficou arquivada quando da sua saída, sob os cuidados da servidora Araci Siqueira e do Delegado do MEC, José Maria Figueiredo, hoje proprietário da FACEX. Durante a sua curta gestão, nada de importante lhe foi apresentado, se não expedientes costumeiros. Considerando a extinção do órgão, ele desconhece o destino desses documentos, mas ouviu dizer que tinham sido entregues ao Exército, possivelmente, à Segunda Seção da Brigada de Natal. O Coronel diz ainda que todos os órgãos públicos estatais tinham uma sessão de segurança para exame de processos de variadas naturezas, que a única tarefa que lhe foi solicitada foi ministrar um curso de tiro para o pessoal da segurança interna, objetivando a segurança patrimonial no estande da Polícia Militar. Além disso, afirmou que não mantinha contato com a UFRN, pois o setor do MEC que dirigia ficava em Lagoa Nova, prédio hoje da Polícia Rodoviária Federal. No seu tempo ativo, trabalhou a partir de 1964 em Fortaleza, Manaus e Salvador e, em 1977, veio para Natal, onde comandou o 17º DAC, de 1977 a 79. Ele também afirmou não ter conhecimento se algum professor ou aluno da Universidade foi submetido à escuta telefônica ou chamado a depor. Não havendo mais perguntas, lhe foi facultada a palavra para considerações finais, acrescentando que foi convidado pelo Reitor Genivaldo Barros, que era um homem com propósito de pacificação, para assumir a Assessoria que era da UFRN e passou para a Delegacia do MEC. Encerrada sua participação, o Presidente lhe

indagou se gostaria de continuar no recinto para continuidade dos trabalhos, que o entrevistado respondeu afirmativamente. O segundo a ser convidado foi o economista Roberto de Oliveira Monte, que – após a sua qualificação – informou ter terminado o seu curso na UFRN em 1979 e logo se engajou no Movimento de Direitos Humanos da Comissão da Justiça e Paz da Arquidiocese de Natal, com atuação através da Ação Católica no Centro de Direitos Humanos e Memória Popular, de 1976 a 79, continuando, posteriormente, até os dias atuais. Falou que a ASI ou EASI era um braço da repressão e os reitores tinham ligação na condição de agentes, posto que todos eram nomeados pelo Comando do Governo Militar. Roberto afirmou ainda que o senhor Adriel Lopes Cardoso era um notório “dedo-duro”, que conhece pessoas com grande conhecimento do assunto, pertinentes aos interesses da Comissão da Verdade, como Geniberto Campos e Francisco Floripe Ginani, que residem em Brasília, principalmente sobre o processo do RU. Ele também relatou que existem documentos importantes que devem ser resgatados, como: o Relatório Veras e o do Capitão Ênio de Albuquerque Lacerda; o Inquérito da Prefeitura de Natal; o Inquérito financeiro da Prefeitura Municipal de Natal, que foi elaborado pelo contador Severino Lopes de Oliveira; e o Inquérito da UFRN. Além desses, o processo de enquadramento do Decreto nº. 477, alguns desses documentos já estão circulando através do site “dhnet.org.br” e devem ser convocados, além de Adriel, e também o pessoal da ADURN. Falou ainda que o BNN46 contém os Relatórios Veras e Lacerda e que o BNN46 dá informação sobre a UFRN, e que a advogada Mércia Albuquerque defendeu 60 deles, desses 50 eram do RN, e ele teve acesso a vários desses processos. Feitas essas considerações, informou que irá a Brasília e falará com Geniberto e que ficará ao dispor da Comissão. Esgotada a pauta dos trabalhos, o Presidente concedeu a palavra aos presentes, que dela usaram fazendo relato das suas atividades, inclusive os bolsistas: professor Almir, Professor Ivis, professora Justina, professora Conceição, Moisés, os bolsistas Vitor Darlan, Patrícia, Edilson e Juan, que entregou ao Presidente material fotocopiado de arquivos da Fundação José Augusto. A professora Conceição Fraga mencionou as servidoras Margarida e Gisele, que faziam as atas da UFRN, lembrando a importância de se localizar essas atas das reuniões e buscar cópias de processos em registros de cassados, junto ao setor de cadastro da UFRN. O aluno Vitor Darlan fala da necessidade da UFRN de disponibilizar estrutura para impressão de material e aumentar o prazo de

acesso de materiais bibliográficos junto a Biblioteca Central Zila Mamede. O aluno Magnus Henrique da Silva retoma a sugestão de levantar as portarias da UFRN e sugere aos bolsistas o livro de Mailde Pinto que trata de duas portarias. Nada mais havendo a tratar, o Presidente agradeceu a presença de todos e convocou nova reunião para a próxima sexta-feira, com a finalidade de oitiva do professor Juliano Siqueira e discussão de outros assuntos correlatos. As dezoito e quinze, o Presidente da Comissão encerrou a sessão e eu, Kadma Lanúbia da Silva Maia, secretária da Comissão da Verdade, lavrei a presente ata, que após lida e aprovada, vai assinada pelos presentes. Após a sessão, os professores Carlos Gomes e Almir Bueno fizeram entrevistas com candidatos a bolsistas para a Comissão da Verdade.

Carlos Gomes: Alguma discussão sobre a ata? Aprovada.

Kadma Maia: Todos que estavam presentes rubricam nas duas. Lembrando que, aqueles que forem fazer perguntas, procurem verificar se o microfone está funcionando, que estão sendo gravadas, e falar bem próximo ao microfone.

Carlos Gomes: Muito bem! Pois não, professor Ivis?!

Ivis Bezerra: [Inaudível].

Carlos Gomes: Sim.

Ivis Bezerra: Segunda-feira próxima, em Brasília, vai haver uma reunião da Comissão Nacional da Verdade, com as estaduais e outras entidades que tenham Comissão da Verdade. E ele achou conveniente informar isso a nossa Comissão, na expectativa de que nosso Presidente pudesse estar lá, mas me parece que do ponto de vista logístico é meio complicado, porque é segunda-feira.

Carlos Gomes: É, não poderei ir.

Ivis Bezerra: De qualquer forma, vou passar o nome dessa pessoa, Guilherme de Assis Almeida, que é membro da Comissão Nacional, com seus telefones. O segundo é que o nosso companheiro José Arruda Fialho confirmou para o próximo dia primeiro. Vou passar isso para Kadma. Ele disse que dispensa qualquer formalidade, mas se puderem fazer o convite oficial da Comissão... Vou passar o endereço e o e-mail dele.

Carlos Gomes: Perfeitamente. Bom, a nossa reunião hoje tem a finalidade de ouvir o professor Juliano Siqueira. Eu gostaria que vocês nos ajudassem fazendo anotações, porque eu sei que ele tem muita informação e a gente não pode perder esta oportunidade. Eu gostaria de dar as boas-vindas a todos e, particularmente, ao professor Juliano.

Juliano Siqueira: Obrigado.

Carlos Gomes: Informo que organizei um roteiro, visto que tudo isso que aconteceu na reunião passada e que está acontecendo na de hoje, está sendo gravado para, posteriormente, a gente coletar e fazer o nosso relatório. Então, eu fiz um pequeno roteiro, professor Juliano. Inicialmente, peço ao entrevistado que fizesse a sua qualificação.

Juliano Siqueira: Bom, eu sou rio-grandense do norte. Nasci em Natal, no dia 30 de julho de 1949. 63 completos, a menos de um semestre de 64 anos de idade. Não quero nenhuma coincidência com outra data.

Carlos Gomes: [Risos].

Juliano Siqueira: É preciso ficar bastante clara a idade. Sou advogado, sociólogo, especializado em Filosofia dos valores éticos, políticos e estéticos. Isso pode até surpreender a alguns: um comunista ligado a estética. Surpreende aos ignorantes, obviamente. Não sou eu quem resolverá essa ignorância, o velho Marx já dizia que “a ignorância não faz bem a ninguém”. Eu concordo com ele, inteiramente, não apenas

nisso. Sou pai, quatro filhos: três filhas e um filho. Ajudei bastante a população masculina nesse particular. E tenho quatro enteados. Então, é um time de voleibol, e ainda tem mais dois no banco. Nossa família é grande. E netos, que já são quatro. E o que é mais importante: estou na luta no estado do Rio Grande do Norte, no Brasil, em vários estados do Brasil, e, forçado por algumas circunstâncias, até em alguns países vizinhos e outro não tão vizinho, mas querido desde 1962, o Caribe, quando ingressei na União da Juventude Comunista, na UJC. Então, são 51 anos de experiências, muito aprendizado, algumas poucas e pobres sugestões. Como diria Bertold Brecht: “fiz sugestões, se foram aceitas ou não”. Bom, sou professor da Universidade, para minha felicidade nesse semestre estou com cinco turmas. Quase duzentos e cinquenta alunos. É um contato que me enriquece bastante, me rejuvenesce, me ensina e me força a estudar, isso é positivo. Vim pra cá com um objetivo muito claro: o que eu sei e o que for possível colocar no limite de tempo, será colocado. Eu sigo a máxima de um dos meus mestres, Wayne: “a verdade é sempre revolucionária”. Vou primar pela verdade, doa a quem doer, inclusive a mim. E mais, me surpreende até o grande número de presentes no depoimento de uma pessoa tão insignificante como eu. Os mais importantes companheiros que eu conheci não estão entre nós. Muitos foram bárbara e violentamente afastados da vida, na tortura como: Emanuel Bezerra dos Santos e Souto Pinheiro, pessoas por quem eu tinha um grande apego. Outros desapareceram de forma trágica, como o colega de Universidade Leandro Sá, que me ajudou aqui na reorganização do movimento estudantil em plena ditadura. Ele morreu de uma forma absolutamente inexplicável, inaceitável. Mas aqui temos a presença de um senhor camarada e contemporâneo de luta, o Marcos Dionísio, caloroso lutador, não apenas dos Direitos Humanos, mas das causas vinculadas ao progresso da humanidade e a construção de uma pátria socialista. Militamos, eu e ele, vários anos juntos. É um prazer sua presença. Ex-alunos aqui presentes, atuais alunos, não é? Pessoas que têm história na Universidade, nas suas profissões, desportistas também. Mesmo rivais. O Presidente da Comissão, o companheiro representante da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Natal. Isso é muito importante. Mesmo que tenha sido vetado pela “Al Qaeda” anterior, a Comissão da Verdade vai voltar a ser verdade na Câmara Municipal de Natal. E a do estado, aprovada na Assembleia, está engavetada, obviamente, sabemos por quais motivos do atual desgovernante do estado do Rio

Grande do Norte. E aqui na Universidade. Quero deixar muito claro o seguinte, logo no início desse trabalho: temos recebido cotidianamente um boletim informativo da Universidade. Hoje ele chega ao número trinta e seis, tem menos de um mês de vida, e não saiu uma linha sobre a Comissão da Verdade. Tem notícia até sobre churrasco, uma linha. Parece-me que nós não temos uma Comissão da Verdade para dizer o que nós estamos fazendo, uma Comissão da Verdade de faz de conta. Acho que o professor Carlos Gomes, até pela sua história, por sua tradição, não se disporia a um papel desse, não é?! O próprio lançamento da Comissão foi numa hora errada, foi esvaziado, lamentavelmente. Uma mesa resumida, uma representação do governo do estado que foi uma coisa quase provocativa, dizendo que existiam depoimentos fantasiosos, referindo-se as vítimas da tortura. Uma coisa inadmissível, insultuosa até. E um auditório, esse aqui, o da Reitoria, que cabe centenas de pessoas, com menos de vinte presentes?! Os jornais da cidade, os informativos não divulgam a nossa Comissão. Nós já tivemos algumas manifestações importantes nessa linha da Comissão Estadual da Verdade, já tivemos manifestações, já lançamos um livro, inclusive denunciando os falsos democratas. Está aí o livro. Na OAB nós tivemos lançamentos de livros, inclusive sobre Fernando Santa Cruz, com o auditório superlotado, a Comissão trabalhando. Nós não podemos perder esse bonde da história. E acho que eu fui além da colocação feita. Agora não quero me prender muito a roteiros. Mas, de qualquer maneira, qual seria o segundo ponto, professor?

Carlos Gomes: Professor Juliano, eu gostaria que fosse feito uma exposição da sua ligação com a Universidade, desde o tempo de estudante.

Juliano Siqueira: Vamos lá. A minha ligação com a Universidade é anterior ao fato de eu ser estudante dela, porque sou filho do fundador da Universidade. Meu pai foi fundador da Faculdade de Farmácia e Odontologia – apesar de ser muito vinculado à literatura e poesia, crítica literária e etc. –, ele era um médico psiquiatra e farmacologista. E fundador também da Faculdade de Filosofia, que gerou o curso de Ciências Sociais, Letras e Artes, Música etc. Então a Universidade está dentro da nossa casa desde que eu sou muito jovem. E, como aluno do Atheneu, convivi com muitos professores do Atheneu, fundadores da Universidade, com exceções ideológicas, como

foi o caso da não aceitação de Luiz Maranhão. Porque era assassinado pela ditadura. Foi vetado. Não ingressou na Universidade. Meu pai foi vetado na Faculdade de Medicina, foi pra Farmácia, que era uma espécie de segundo time da área da saúde e surgiu casada com Odontologia. Era Farmácia e Odontologia, depois separaram. Vulpiano Cavalcanti não conseguiu ingressar na Faculdade de Medicina, cirurgião respeitabilíssimo. Aqui tem um profissional da área que não me deixa mentir, pelas suas ideias também. A origem da Universidade que foi altamente positiva para o estado do Rio Grande do Norte. Do ponto de vista acadêmico, ela foi marcadamente, desde o primeiro dia, ideologizada e hegemônica pela direita. Bom, o que eu vi na Universidade logo depois do golpe militar de 1964, quando eu tinha 14 anos de idade... Eu não apareço nesse livro que os companheiros da Comissão Estadual da Verdade já lançaram, não é?! Não apareço apesar de ser amigo de Arruda Fialho, Geniberto, de Floripes e vizinho de Maria Laly Carneiro. A irmã de Ginani era minha professora de português no colégio estadual do Atheneu norte-rio-grandense. É, conheci aquela turma todo porque eu já fazia parte do movimento secundarista e já era da juventude comunista. Boa parte desse pessoal que era ligado ao partido comunista e outra parte que era ligada à ação popular foram as grandes vítimas desse processo. Os companheiros do PCB e os companheiros da AP, companheiros e companheiras. Era vizinho de frente de Mailde Pinto, que era responsável pelo trabalho cultural da Prefeitura Municipal de Natal. Então, morava próximo ao DCE, que ficava ali na Deodoro, quase esquina com a Zé Pinto. Entre o DCE e a Zé Pinto, tinha uma casa onde morava um pessoal da família Capistrano, que foi vítima da ditadura, inclusive. Então, naquela noite em que o DCE foi invadido, depois do golpe de 1º de abril de 1964, eu me encontrava lá. Nós cantamos inocentemente o Hino Nacional, pensando que aquilo significaria um paro na agressividade das tropas que foram invadir o DCE, mas foi mera ilusão. O DCE foi invadido e a violência foi distribuída da forma mais democrática possível. Não foi distribuição de renda não, foi distribuição de pancada mesmo. Isso aí eles sabiam fazer com muita competência. Talvez tenha sido minha primeira experiência. Ver companheiros secundaristas que já estavam ingressando quase na Universidade, pré-universitários como Gileno Guanabara, Sargento Gil, que comandava a associação do pessoal da polícia. A nossa chapa vitoriosa para o diretório estudantil celestino Pimentel do colégio estadual Atheneu norte-rio-grandense e os nossos dois companheiros tiveram

que fugir. Inventaram uma eleição indireta, botaram pessoas lá que ninguém nem sabia quem era e porque foi posto. Em 1965, começamos o trabalho de reorganização do partido, eu com 16 anos de idade. Éramos tão poucos que nos reuníamos numa base de estudantes universitários e secundaristas, chegávamos no máximo a 10. Em pouco tempo, já éramos 20. Alguns meses depois, chegávamos a 30. E tínhamos a felicidade de receber a assistência inteligente, carinhosa e justa de Vulpiano Cavalcanti. Sabíamos que Luiz tinha fugido, este é um caso que eu vou colocar como primeiro: a queda de Luiz Maranhão começou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, eu assumo essa denúncia. Sua esposa, a minha querida amiga, Odete Roseli, viajou para encontrá-lo no Rio de Janeiro e foi seguida por esbirros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A partir daí, ele veio a ser mapeado, depois foi preso e assassinado. E quem foi que comandou esse processo? Um reitor da Universidade que começou sua carreira acadêmica, entre aspas, como torturador na Base Aérea de Natal, o Sargento da aeronáutica Genário Alves da Fonseca. Ele torturou Vulpiano, torturou Luiz Maranhão, no governo de Getúlio Vargas, início dos anos 1950. Vejam bem, era a República do Galeão com a sucursal de Natal, porque tinha a República do Galeão no Rio de Janeiro, que o Lacerda comandava. Inclusive, ele tinha como guarda-costas um major da aeronáutica, que morreu num atentado lá na Rua Toneleiros, zona sul do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, que levou ao suicídio de Vargas. Aqui no Rio Grande do Norte, os patriotas eram torturados na Base Aérea que foi um marco, inclusive, da luta contra o nazifascismo. Dois companheiros foram assassinados, ambos militantes do partido comunista. Para que vocês tenham uma ideia, no governo Dutra foram assassinados mais militantes do PCB do que na ditadura militar, nos seus 21 anos. O governo Dutra assassinou 55 comunistas, a ditadura militar, 35. Até porque, dos 600 assassinados, quase todos oriundos do PCB, estavam noutras organizações, mas ainda militantes no PCB. A ditadura assassinou 35, inclusive Luiz Maranhão e nosso outro conterrâneo, Iran de Lima Pereira. Mas, no governo Dutra e no início do governo Getúlio, nos remanescentes da repressão Dutra, 55 foram assassinados, homens e mulheres: Zélia Magalhães, Angelina Gonçalves etc., e dois companheiros do Rio Grande do Norte. Esses dados estão todos no livro da professora Conceição de Gois, esposa do professor Moacyr de Góes, que foi secretário de Educação de Djalma Maranhão e comandante da campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, na

qual eu participei como o mais jovem monitor. Saíamos do Atheneu para dar aula no acampamento do bairro do Carrasco, hoje – não sei por que – chamado de Dix-Sept Rosado. Mas, naquela época, o bairro se chamava Carrasco, o senhor deve se lembrar disso muito bem.

Carlos Gomes: Ainda é chamado, popularmente, de Carrasco.

Juliano Siqueira: É, o povo ainda chama, é a feira do Carrasco.

Carlos Gomes: É a feira do Carrasco.

Juliano Siqueira: É a feira do Carrasco. Então se eu uma dia fosse Prefeito da cidade, ou se tivesse alguma influência sobre algum prefeito, diria: que volte os nomes antigos! Porque existem tantos municípios com nome de bandido que dá uma tristeza e os nomes antigos eram tão bonitos. Bom, mas isso não é o que eu tenho a dizer. O que eu tenho a dizer é que a minha relação com a Universidade, portanto, vem antes de ingressar na Universidade. Eu comecei minha luta no colégio estadual Atheneu e lá conheci muita gente da Universidade. Fiz vestibular no início de 1968 pra velha Faculdade de Direito na Ribeira e fiz vestibular pra Faculdade de Sociologia e Política. Passei nos dois. Tudo bem, nada de inteligência não, o vestibular era fácil, dava pra passar. Mas, por decisões do partido (nós já tínhamos um bom núcleo de companheiros do PCB e também da AP), como a direita tinha uma base muito forte, a direita fascista mesmo, na Faculdade de Direito e na de Sociologia, eu – por orientação do partido – fui designado a participar do curso de Direito, sou advogado por acaso. Fui pra lá pra cumprir uma tarefa partidária e me orgulho disso. E começamos a organizar a luta, porque eu tinha passado no vestibular e 10 companheiros com média acima de 5 não tinham entrado porque só eram 50 vagas, mas 10 com média acima de 5, que era o mínimo exigido. Então já começamos lutando pra que os 10 entrassem. Entre os 10, inclusive, a esposa de um ex-governador do Rio Grande do Norte, Fernando Freire, que saiu melado pra caramba, a Eliana Freire Magda de Souza. Tava entre os 10 excedentes, que eu lembro muito bem dela, até porque ela foi Miss ABC – uma homenagem a você, viu, Ivis?! Então, não dava pra esquecer a beleza da Eliane, que era a musa da turma. Como é que essa menina

vai ficar excedente? Nós temos inúmeras razões para lutar para que ela ingresse. Primeiro, ela teve mais de 5 na média e depois vai embelezar a turma, e a turma era imensa. Era uma turma de 72 alunos. Era a primeira turma logo na entrada da Faculdade da Ribeira e ficava à direita, isso era uma mera coincidência, porque a grande maioria da turma seguia as orientações da esquerda. A direita de quem entrava a turma estava lá. A primeira greve nós puxamos lá, o primeiro ano passou a ser a vanguarda da Faculdade e os excedentes entraram. Tinha uma turma de repetente, vou citar os nomes de alguns deles: Garibaldi Alves Filho, raramente ia às aulas, quando ia não abria a boca, mas terminou se formando. Não sei, nunca o via praticando na área jurídica e tal, mas parece que tem o diploma. Outro, de extrema direita, dono de um jornal hoje em Natal, Cassiano Arruda Câmara, também é repetente. E o outro, uma pessoa excelente, hoje reza a missa melhor até do que muito padre, que era Luiz Antônio Porpino. Esses três andavam juntos, iam pouco a aula, não criavam problema nenhum, nem eram contra, nem a favor ao movimento. O Cassiano era que era um jurista mais histérico, os outros dois eram calmos. O Cassiano chegou um dia, até porque era diretor da Tribuna, a colocar uma manchete em minha homenagem com o seguinte teor: “agitador comunista impede o trabalho da imprensa” na Imprensa. Por quê? Nós estávamos numa assembleia no DCE, ali na Deodoro, na luta pelos excedentes – o termo era esse, excedentes – os que tinham tirado média 5 e não tinham ingressado na Universidade, excedente em todas as unidades da Universidade. Não eram apenas os 10 de Direito, o maior número eram 20, eram na Medicina. E aí eu vou abrir um parêntese aqui pra colocar uma questão bem interessante pra vocês: vejam bem, tinham excedentes até em Serviço Social, eram 2 excedentes; era curso o que tinha menos, mas tinha 2 excedentes. Tinha excedentes na Engenharia que tinha um diretor altamente democrata, Bittencourt, que era um dos poucos com quem podia conversar. O diretor da Faculdade de Farmácia era Genário Alves da Fonseca – já pensou em conversar com um torturador?! E depois do golpe militar de 1964?! Com ele já cantado pra ser o substituto de Onofre como Reitor?! Vejam que carreira absurda, paradoxal. Só num livro de Miguel Ângelo Asturias, aquele *El Señor Presidente*, o sujeito sai de torturador para Reitor. O que é que isso tem de acadêmico?! Só pode acontecer na linha de baixo do Equador, como diria a música do Chico Buarque de Holanda. Um absurdo! Ainda deixou um sucessor da pior qualidade, tal de Domingos Gomes de Lima. Um sujeito tem o nome de

Domingos, que foi uma espécie de anjo protetor, eu não sei se diabólico ou satânico, de Adriel Lopes Cardoso, que era o Chefe da ASI aqui. O período em que ele teve mais poder na Universidade foi o período de Domingos Gomes de Lima e foi o período em que eu fui mais perseguido, porque eu tinha acabado de sair da prisão e consegui voltar ao curso de Direito. Fiz novamente o vestibular de Sociologia e aconteceu um fato: tinham um editor no jornal *Diário de Natal* – que hoje nem existe mais, nem circula mais, nem o virtual existe mais, não é?! – que era muito amigo nosso, ex-militante da JEC (Juventude Estudantil Católica) que era a origem da AP. A AP era ala esquerda da JEC: os que ficaram comendo hóstia continuaram na JEC e os que romperam com a hóstia foram pra AP, juntavam cristianismo com marxismo, era só uma espécie de início da teologia da libertação com influência de John Lacroix, de Emanuel Munier, do personalismo. E tínhamos boas relações. Até porque o PCB tinha, em relação a AP, uma grande desvantagem: as meninas mais bonitas do movimento estudantil eram da AP, não eram do PCB e nós fazíamos questão de trabalhar em frente única, até porque ficava muito mais agradável esse trabalho. Bom, por várias razões. Estéticas inclusive. Mas, voltemos ao sério, é estava me referindo a...

Carlos Gomes: Você retornou ao Curso de Direito

Juliano Siqueira: Sim, retornei e esse companheiro era editor chefe do *Diário de Natal*. Quando pegou o resultado do vestibular da Faculdade de Sociologia e Política, ele fez a notícia e botou na primeira página: Sociologia e Política divulga o resultado do vestibular: Juliano Siqueira aprovado em primeiro lugar. No outro dia ele estava preso, tava no QG. Perdeu o cargo. Fez por amizade, eu acho até que ele exagerou na amizade e eu fiquei surpreso com a sua coragem. Ainda hoje agradeço muito isso a ele, mas, felizmente, depois as coisas correram muito bem pra ele. Albimar, o magrinho Albimar, que era tão magro que o esporte que ele praticava era pingue-pongue – era nosso campeão de pingue-pongue pelo Atheneu, nisso ele não perdia pra ninguém. Mas se botasse uma bola um pouquinho maior, eu acho que se bola bater nele, ele caía. Era mais magro do que eu. Mas ele fez essa manchete e voltei a Faculdade de Direito por conta de um fato muito interessante: um traidor do Movimento Estudantil, chamado José Bezerra Marinho Júnior, que dedurou todos os companheiros do movimento no seu

depoimento. Só a mim ele dedicou 45 páginas e foi um dos responsáveis pela minha condenação de 2 anos por participar no Movimento Universitário aqui no Rio Grande do Norte. As maiores condenações foram a minha e a de Jaime Ariston, visto que as condenações variaram de 6 meses a 2 anos. Alguns foram indiciados, mas não foram condenados, como o caso da professora Justina Iva, que teve a sorte de ter sido absolvida. Hermano Paiva foi absolvido também, porque Hermano sempre foi muito caladão, muito na dele, aquela coisa toda. Gileno que pegou 1 ano e meio, Evaldo Caetano pegou 1 ano e meio, Nuremberg Borges de Brito, não é?! José Rocha Filho, o popular Kerginaldo, foi Presidente da Casa do Estudante, como Emanuel Bezerra do Santos também foi, Emanuel pegou 1 ano e meio de prisão, e eu e Jaime fomos premiados com essa comenda de 2 anos de cadeia, mas eu tive a sorte de não ter sido preso, porque todo mundo foi preso na véspera da véspera de Natal, no dia 23 de dezembro de 1968. Eu tinha me encontrado com meu amigo Rubens Lemos e nós fomos pra um aniversário. Obviamente que o aniversário estava animado, a gente passou da hora e eu não fui dormir em casa. Quando eles foram a minha casa me prender, não me encontraram. Dali eu entrei de vez, já tava sendo clandestino, entrei direto na clandestinidade, até ser preso em 1970, no Rio de Janeiro e ir para o DOI/CODI passar a comer o pão que o diabo amassou. Mas, nesse período de 1 ano na Universidade. No ano de 1968, aconteceu um fato muito interessante: quando o movimento estudantil crescia, com assembleia, com passeatas etc., o reitor Onofre Lopes, que era um homem mais que conservador, reacionaríssimo, ele renunciava e assumia o vice-reitor, que era uma pessoa mais diplomática, o doutor Otto de Brito Guerra, que era escalado para dialogar com os estudantes, porque Onofre não tinha condições emocionais nem sequer de nós ver, pois nos considerava baderneiros. Comunistas a serviço de Moscou, Pequim e de Havana. Daí pra frente. A gente só não via o ouro de Moscou, diziam que tinha até ouro em Moscou, nunca vi, eu – particularmente – nunca vi. Mas, o doutor Otto é que aguentava essas situações difíceis. Me lembro até de uma reunião trágica. Terrível, difícil, ali no auditório da Faculdade de Direito da Ribeira, em que Otto Guerra teve uma crise de choro porque não conseguimos chegar a um acordo pra terminar uma greve, a ocupação do DCE, que durou 80 dias. Só foi desocupado à base da baioneta, da coronhada etc. E todos nós pulando os muros e fugindo pela rua Felipe Camarão, que era a rua que ficava por trás da Avenida Deodoro. Mas foi um momento muito bonito

esse, 80 dias de ocupação do DCE, porque nós criamos uma espécie de “soviete”, uma república socialista lá dentro, onde todo mundo trabalhava. As meninas faziam a comida, a gente lavava a louça, de noite a gente botava música, dançava. Para nós aquilo era uma coisa e quando a policia vacilava um pouco a gente ia a rua, fazia uma passeata relâmpago. Era o seguinte: saíamos com as faixas enroladas no corpo, a camisa por cima, um companheiro quando o sinal fechava, gritava do meio da rua “o povo organizado derruba a ditadura” e a turma já todinha parada em fila de ônibus, fila disso, fila daquilo, se reunia na rua e a gente fazia a passeata na contramão, aí logo depois vinha a tropa de choque. Comandavam a tropa de choque nomes conhecidos: Domicio Damásio, o mais violento repressor; e o sub, chegou a ser juiz de execuções penais aqui no Rio Grande do Norte, Carlos Adel. Esses eram os dois responsáveis pela porrada na rua, Domicio Damásio, Carlos Adel. Não sei se eles se dispõem a vir na Comissão da Verdade. Domicio hoje parece até uma pessoa que nem se lembra que foi repressor. Fala comigo de uma forma tão... Bom, parece que no Rio Grande do Norte a ditadura foi uma espécie de mula sem cabeça, não teve ninguém aqui representado a ditadura, todo mundo sempre foi democrata. Na CGI não tinha ninguém, Comissão Geral de Investigações, no SNI não tinha ninguém. No DOI/CODI não tinha ninguém e como é que essas organizações funcionavam? Sem ninguém? Eram espíritas, fantasmas, o que eram? O que é que diabo era? Mas o problema é que existem alguns sujeitos chatos como eu que conhece os nomes de muitos deles e não tem nenhum problema em dizer. Só não vou dizer como Marighela porque seria muita arrogância da minha parte, Marighela dizia: “nunca tive tempo de ter medo”. Eu, poucas vezes na vida, pensei em ter medo, fiz muita besteira, cometi muitos erros. Agora, esse negócio de ficar fazendo culto do medo nunca me passou pela cabeça não, ainda hoje não passa. Se a direita resolvesse fazer no Brasil hoje o que fez em 1964, podem ficar certos de uma coisa: eu faria tudo que eu fiz a partir de 67. Ajeitaria minha pontaria, porque faz muito tempo que eu não dou um tiro e não ia deixar de graça essa parada não. Se bem que hoje a situação está muito diferente, eles não vão tentar isso nem de graça. Prestes teve muita ilusão, a gente estava lá no aniversário do Partido Comunista em 1964, dia 25 de março, uma semana antes do golpe, a gente ali em frente ao REX, antigo cinema REX, escutando Prestes falando pela rádio... Prestes dizendo: se a direita botar a cabeça de fora, nós cortaremos. E uma semana depois a gente tava correndo. Todo mundo, ou na

cadeia, ou no exílio, alguns até já assassinados. Bom, mas voltemos. A coisa em 1968, foi muito difícil, a Faculdade de Direito era um antro de reacionarismo. Dentro da Faculdade de Direito existia o grupo mais forte do chamado CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Por que isso aconteceu? Vejam bem, quando houve o golpe militar, havia uma turma fazendo o chamado NPOR (Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva) e uma boa parte dessa turma foi pra Faculdade de Direito, vou citar os nomes: um que é advogado do ABC futebol clube, José Wilson, acho que Gomes, reacionário de quatro costado; outro, já falecido, vou falar pouco sobre ele por isso, diante da morte, alguns conhecem, mas tem que dizer o nome: Neilson Maranhão; outro que chegou a Desembargador, Cristovam Praxedes; outro, que não participou do NPOR, até por deficiências físicas, mas fazia parte do grupo, Júlio Faria, irmão de Robinson e de Osmundo; Voncias de Medeiros, chegou a ser professor aqui da Universidade, nome completo é Meira de Medeiros, até porque ele filho de uma irmã de minha mãe, eu não tenho culpa nenhuma nisso; é, o mais histérico de todos, Francisco Cortez, que era funcionário do Banco do Brasil, esse era um fascista, filho de um chefe do partido integralista aqui no Rio Grande do Norte, na AIB (Ação Integralista Brasileira), Manoel Genésio, dono de uma carvoaria na Rua Felipe Camarão e irmão de uma grande companheiro libertário, o jornalista Luiz Gonzaga Cortez, que não tinha nada a ver com ele, era exatamente o oposto. Ele escreveu até um livro sobre o integralismo no Rio Grande do Norte. E tinha duas mulheres: Zara Cortez, mãe do advogado Felipe Cortez e ex-esposa de Voncias de Medeiros; e Maria de Loures Maranhão, recentemente falecida, irmã de Neilson Maranhão. Esses eram o núcleo do CCC na Faculdade de Direito da Ribeira que tinham um jornal. Imaginem o nível ideológico desse povo. Sabe como era o nome do jornal? *O esgoto*. Exatamente onde eles viviam, não é?! Era esse o nome do jornal. Lembro que a tarefa mais gloriosa que eles faziam era pichar as nossas casas. Na minha casa, várias vezes: “aqui mora um comunista”. Não era novidade nenhuma pra rua, todo mundo sabia, meu pai tinha fama de comunista, eu mais do que o velho. Papai tinha se afastado do partido há muito tempo, desde que Krushov fez aquele malfadado discurso. Papai morreu admirador de José Stalin, como eu sou até hoje, mesmo afastado do partido, mas continuou amigo de Vulpiano, de Luiz Maranhão, contribuindo, mas sem militância. E botavam lá, pichavam em frente a casa do Gileno. Em frente a casa dos estudantes “aqui está cheio de comunistas”... Mas era um CCCão

tão violento quanto o de Pernambuco que chegou até a matar o padre Henrique, a atirar contra o Cândido Pinto e torná-lo paraplégico, que o conduziu a morte. Mas tinha essas figuras aqui. E existiam professores que não eram reacionários, eram reacionaríssimos. Teve um que se recusou a corrigir uma prova minha dizendo que não era uma prova, era um manifesto comunista, o doutor Manoel Varela de Albuquerque, me devolveu a prova e disse: “o senhor faça outra prova porque isso daqui é um manifesto comunista”. Eu disse: “o senhor corrige esse, se não quiser corrigir tudo bem, outra eu não vou fazer”. Existiam professores que enfrentavam os alunos. Quando a gente decretava greve, lembro-me muito bem de um fato, o professor Milton Villar Ribeiro Dantas chegou pra dar sua aula de Teoria Geral do Estado, vou abrir um parêntese, um homem culto...

Carlos Gomes: Múcio, não era.

Juliano Siqueira: Múcio não, doutor Múcio. Doutor Milton era professor de Medicina Legal.

Carlos Gomes: Isso foi depois.

Juliano Siqueira: Doutor Múcio Villar.

Ivis Bezerra: Eu estou corrigindo porque ele disse que era de Teoria Geral do Estado era Múcio.

Carlos Gomes: Não, era Milton.

Ivis Bezerra: Milton era de Medicina.

Juliano Siqueira: Milton era de Medicina Legal; Múcio Villar Ribeiro Dantas, professor de Teoria Geral do Estado.

Ivis Bezerra: Você falou Milton.

Juliano Siqueira: É porque ele também foi meu professor, só que de Medicina Legal, e quando eu saí da prisão.

Ivis Bezerra: Minha colocação foi correta.

Juliano Siqueira: Sim, foi. Mas então está feita a correção. Então ele chegou e disse: “mas vocês estão em greve? Vamos ver se a turma está em greve mesmo ou se é meia dúzia de comunista aqui que está fazendo a cabeça de vocês”. Obviamente, eu disse que tinha uns que nunca frequentavam aula. Aquele trio que eu já me referi aqui, não vou repetir o nome deles, e tinha uns 70 alunos. Entre eles, o Capitão Freire, depois Coronel de Polícia, José Augusto, que era do DETRAN, que era uma coisa que não educava trânsito nem coisa nenhuma, era uma coisa mais repressiva. Então, sai a votação, são 68 votos a favor da greve e duas abstenções, nem contra, e a gente sabia que era o José Augusto e o Capitão Freire. O professor Múcio disse: “é, realmente, os comunistas tomaram conta dessa turma”. E se retirou, foi embora. Paulo Pinheiro de Viveiros, que fazia discursos inspirado em Plínio Salgado, Benito Mussolini, era uma coisa terrível. Mas, tinha um professor profundamente liberal, que depois terminou sendo governador, nomeado pela ditadura, era o professor de Introdução a Ciência do Direito, José Cortez Pereira, mas na sala de aula era um homem que demonstrava um profundo conhecimento de Filosofia. Idealista, obviamente, era um kantiano. Nós tínhamos polêmicas imensas e olhe que o horário da aula dele era um horário indigesto, começava ao meio-dia, porque ele era presidente do Banco do Nordeste, e vinha só para dar essa aula. Era uma dificuldade, mas era um liberal. Tanto que, quando eu fugi do Rio Grande do Norte, ele pediu pra falar comigo antes. Eu solicitei a orientação do partido, o pessoal disse que eu poderia ir falar com ele, que ele não cometeria nenhum ato baixo de me entregar a polícia. Ele disse “vá, porque os caras não querem apenas lhe prender” – esse foi o conselho que ele me deu – “e eu lamento não poder lhe ajudar além de dar a informação que eu estou lhe dando”. Ele apressou minha saída daqui. Joé Cortez Pereira. Bom, passou 1968, fui pra clandestinidade, quinze meses, fui preso, torturado, DOI/CODI etc. 4 anos de prisão, vários companheiros assassinados, 4 anos sim, um

mandato completo. Fui condenado há 18 anos, os 18 foram reduzidos a 4, porque tinha um processo que era uma verdadeira loucura na linha do realismo fantástico de Gabriel Garcia Marques, a subversão no Nordeste. Esse eu fui condenado há 10 anos; o do Rio Grande do Norte a 2, baixou pra um; um processo na Paraíba a 3, baixou pra 2; outro em Recife 3, baixou pra um, e ficaram 4 anos. Quais foram meus advogados? Quero prestar minha homenagem a eles, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: depois dele ser meu professor quando eu saí da prisão, Carlos Antônio Varela Barca, Roberto Brandão Furtado, lá de Pernambuco, doutora Mércia Albuquerque e, lá no Rio e em Brasília, a grande figura, Evandro Lins e Silva. E aqui também quero dizer pra vocês o seguinte: criou-se uma jurisprudência STM, comparando o Superior Tribunal Militar com o Supremo Tribunal Federal, o Superior Tribunal Militar daquele tempo estava muito mais democrático, criou-se uma jurisprudência de que não se levaria em consideração depoimento de um corréu. Então, eu tive um processo no Rio de Janeiro, como eu não assinei depoimento nem no DOI/CODI do Rio de Janeiro e olhe que lá cegaram-me um olho e quebraram uma perna, mas eu não assinei o depoimento. Eles davam pra gente uma prancheta, uma ruma de papel em branco, e um lápis e dizia “escreve a tua história” e eu escrevi “vão pra puta que os pariu”. Pode gravar, foi isso mesmo que eu disse, e obviamente que o juiz não considerou esse depoimento. Então foi impronunciado. Abriram um processo contra mim em Alagoas, não tinha nem depoimento, esse eu não fui nem pronunciado. Um em Sergipe. Quer dizer, eu era uma espécie assim de vice-rei do norte, um Juarez Távora. E tinha 20 anos de idade, veja só em que situação que nós estávamos, que dificuldade. Um milhão de pessoas fazia parte do aparato repressivo no Brasil. Vocês sabiam disso? Nessa época, um milhão. Parece que aqui no Rio Grande do Norte não tinha ninguém. Mas eu já estou dizendo o nome de um bocado de gente, vá anotando aí que tem mais. E nós éramos em torno de uns, somando todas as organizações revolucionárias, que eram umas 20, apenas uma não defendia a luta armada, que era o PCB, daí chegávamos a 20 mil e com atividade mesmo. Para vocês terem uma ideia, os companheiros do Araguaia eram 69 e foram cercados por 12 mil, em 3 operações militares. Vejam quanta glória, tão vergonhoso quanto Canudos, quanto a Guerra do Paraguai etc. Coisas que são endeusadas por muitos imbecis. Bom, voltei pra Universidade em 1974, que dificuldade, o traidor José Bezerra Marinho Júnior tinha conseguido com Luiz Eduardo Carneiro a rematrícula e

abriu para mim, Nuremberg Borja de Brito, Zé Rocha Filho, Kerginaldo, Gileno Guanabara, pros companheiros que tinham se ferrado em 1968 com o precedente. Então eu só precisei fazer vestibular, porque não era da Universidade, era da Fundação José Augusto, pra Sociologia e Política, pra Faculdade de Direito a gente foi na trilha do traidor e conseguiu a matrícula. Luiz Eduardo Carneiro, verdade tem que ser dita, despachou imediatamente. Aí voltamos eu, Nuremberg. Jaime já tinha ido para o Rio de Janeiro, Jaime Ariston.

Pessoa não identificada: Deixou de estudar?

Juliano Siqueira: Não, Danilo não, Danilo só voltou depois da anistia em 1979. Eu saí da cadeia em janeiro e já voltei a estudar depois do carnaval, fiz logo o vestibular de Sociologia e Política. Logo que saí da prisão. Eu fui preso no dia de São Sebastião, 20 de janeiro. Saí 4 anos depois, então logo depois do carnaval fiz o vestibular pra Sociologia e Política e as aulas começaram aqui no que a gente chamava de campus de concentração universitária. Era uma coisa distante, afastado da cidade, pra chegar aqui era uma dificuldade. E a primeira aula que eu tive foi com o professor Múcio Villar Ribeiro Dantas, que tava se aposentando da Universidade. Ele fazendo a chamada, teve uma hora que ele parou: “Juliano Homem de Siqueira, esse rapaz está vivo?!” “Não é uma sessão espírita não professor, presente!” Foi essa a primeira recepção que eu tive. Mas, duas ou três aulas depois, ele se aposentou. Bom, e aí foi um período em que eu conheci vários dedos-duros, delatores. Como professores da Universidade, não existia concurso, ser delator era currículo. Então fui aluno de Jurandyr Navarro, que era do SNI, ensinava EPB (Estudo de Problemas Brasileiros). De problema, ele não tinha nenhum, era a louvação da Transamazônica, da perimetral norte, do *Milagre brasileiro*, um livro absolutamente medíocre, escrito por um jornalista igualmente medíocre, chamado Murilo Melo Filho, que é uma cópia de um livro escrito por Jean Jacques... Que era o dono do *Le Express*, a famosa revista francesa, que era o milagre japonês. Então o Murilo Melo Filho é, pra puxar o saco dos militares, escreveu o *Milagre brasileiro*, que era livro de cabeceira os repressores. Está aqui o milagre do Brasil. Tanto que o Millôr Fernandes gozava “cresceu 11,7 coisa nenhuma, cresceu foi 111,7, esse negócio de 11,7, isso é coisa de esquerdista”, obviamente que era gozação que

fazia parte do espírito e da genialidade irreverente, anarquista e inconsequente, às vezes, do Millôr Fernandes. Mas, nesse particular, ele tinha toda razão. Então, tínhamos aqui o Nilton Pires se ensaiando também como professor. Qual foi a academia anterior dele? O SNI, dedo-duro. Um juiz do trabalho, chamado Aluízio, cujo sobrenome não me lembro, também era professor de EPB, já falecido, tinha um bigodinho, era baixinho.

Carlos Gomes: Rodrigues?

Juliano Siqueira: Rodrigues, exatamente! Matou! Esse é outro direitista. Esse pessoal entrou na Universidade e dava as aulas de EPB. Tinham estudantes que ninguém sabia como tinham entrado na Universidade. Na minha turma, tinha 6 agentes da Polícia Federal, que não tinham feito vestibular, mas estudavam. Eu me lembro dos nomes de alguns deles: Gilson, um baiano; Vernier, esse ninguém nem sabia de onde era; Moacir, diziam que era cearense; Valmir, tinha nascido no município de Patu, alto-oeste; e tinha um daqui do Rio Grande do Norte, da família Godeiro, irmão de um desembargador que hoje está nas manchetes de uma forma não muito agradável pra ele, me parece. Não sei como é que ele acha. Esse pessoal invadiu a minha casa, roubou livros meus e do meu pai, para vocês tem uma ideia do nível da violência. Meu pai tinha uma coleção que ganhou quando tinha completado 50 anos de idade, de 1958 (papai é de 1908). Seus alunos do Atheneu deram uma coleção de dicionários: latim-italiano, latim-francês, latim-português, latim-inglês, latim-russo, então retiraram o volume latim-russo como sendo uma obra subversiva. Nessa invasão da nossa casa, eu morava na Rua Jundiaí, número 702, foi pra onde eu fui quando saí da prisão, não tinha pra onde ir, obviamente. Levaram 200 livros... Meu pai quase que tem um infarto. Meu pai morreu anos depois, de outra doença, mas foi um ato de violência! Não foi a primeira vez. Para que vocês tenham ideia, nos quatro anos em que eu fiz o meu curso de Direito, de 1974 a 1977, eu fui preso 22 vezes, isso depois de ter cumprido a pena de 4 anos. Se pichassem uma parede aqui em Natal, eu e François íamos pra prisão, tranquilamente. Nós estudávamos na mesma turma, por acaso, tinha até um gesto muito bonito do professor Milton Ribeiro Dantas: nós tínhamos sido presos e perdemos a última avaliação do Milton Ribeiro Dantas. Nós tínhamos boas avaliações e ele nos mandou um recado dizendo que se nós quiséssemos fazer a prova, ele faria e fizemos na casa dele, na Avenida Rio

Branco, onde também funcionava o seu consultório. Ele corrigiu na nossa frente e ali nos colocou nota máxima. Nós agradecemos e saímos pra comemorar! Tomar uma cerveja lá num bar que tinha na praia, num postinho e tal, escapamos disso aí. Comigo aconteceu um fato também muito interessante: eu fui o aluno do Curso de Direito que, durante 4 anos, tirou um conceito B, fui o laureado e da Universidade Federal toda. No dia em que eu terminei o curso, vim pra solenidade com minha mãe, por solicitação dela. Eu disse até pra ela: “mamãe, não se preocupe, a gente não vai ser assaltado de jeito nenhum, nós estamos cercado de polícia por todos os lados”. Para onde eu me virava tinha um Polícia Federal. Então, por que tinha uma passagem da solenidade né? Na presença estava o então Ministro da Educação, o General Nei Braga, ex-governador do Paraná. Ele veio. E qual era esse momento? A entrega da comenda, sei lá como é que chama isso, uma estrela verde-amarela e tal. Isso foi cortado do cerimonial e pensavam que eu e os meus amigos estudantes iríamos reagir, mas não houve reação nenhuma. Eu disse “fiquem calmos, depois a gente sai daqui e se diverte, amanhã vai ter uma feijoada lá em casa” e ficou por isso mesmo. Eu me formei em 1977, vim receber em 1988, me foi enviado pelo então reitor Diógenes da Cunha Lima, dentro de um envelope pardo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nessa época eu morava no Rio de Janeiro. Recebi, confesso que nunca me dispus a colocar, nunca houve nenhuma necessidade e acho que nunca vai haver, porque não serve pra coisa nenhuma, está lá, está guardada. É mais um papel, parecido com aquele diploma que a gente recebe, isso aí pode ser que valha alguma coisa, mas, na minha idade, o que eu tinha de fazer de concurso nesse setor já fiz. E por que eu fui para o Rio de Janeiro? Porque todos os concursos que eu fazia no Rio Grande do Norte eu passava, até passava bem, mas aí eles pediam o atestado ideológico e o meu atestado ideológico era terrível, era vide-verso, e tinha 9 processos atrás. Na ocasião, você não pode ser nomeado assim. Então, fui para o Rio de Janeiro, porque no Rio de Janeiro tinha muito mais comunista do que aqui, a cidade era muito maior. No primeiro concurso que eu fiz, eu passei. Então, passei, salário razoável, casei, meus filhos todos são cariocas. Desejaria que eles fossem potiguares, como eu sou, mas fui tangido, eu não sai daqui por minha vontade não, eu saí daqui porque eu e François vivíamos de dar aula em cursinho, era essa a saída que a gente tinha. E a gente dava aula em cursinho com um Polícia Federal na porta de entrada e outro na porta de saída. Tem até um episódio que eu quero registrar aqui. Não

quero apenas colocar coisas contra pessoas, não, eu estou colocando a verdade. Um dia me tirou do cursinho delta, onde hoje é o Bradesco da Rio Branco, ali quase em frente ao Banco do Brasil, de um cerco da Polícia Federal sabem quem? O doutor Herbert Spencer. Num ato de muita coragem. Ele viu o meu drama. Eu não tinha como pular o muro de trás e ele disse “você vai no meu carro”, e ele subiu com o carro na calçada, e eu entrei no carro, e ele meteu o pé, acelerou, e nós nos livramos. Eu agradeço esse favor ao doutor Herbert Spencer. Eu quero dizer isso aqui até porque creio que ele ainda continua nosso colega, professor na Universidade. Já disse isso a ele, já agradei pessoalmente, mas quero dizer a vocês aqui. Ele pode ter os defeitos do mundo, não ser uma pessoa simpática, mas teve esse gesto, que nem todo mundo naquele momento teria. Talvez até me entregasse, os prêmios seriam maiores, não é?! Mas ele correu o risco e não tinha nem grande amizade comigo.

Carlos Gomes: Qual foi o ano?

Juliano Siqueira: 1976. Exatamente 1976. Eu me lembro porque foi o ano em que Serginho foi candidato a senador, Sérgio de Hebe, senador não, vereador. E nós estávamos fazendo a campanha do Serginho de Hebe, logo depois ele assumiu, ficou na primeira suplência, faleceu aquela companheira baixinha. A Maria Pia. O Serginho assumiu a vaga na Câmara Municipal e foi presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal. Naquela época, quando a gente tava organizando o movimento da anistia, vem a Universidade e o movimento da anistia. Quem nos ajudou aqui na Universidade no movimento da anistia? Fundamentalmente, os estudantes. Eu era estudante na época, mas teve uma época do movimento da anistia que eu já não era mais estudante, já era advogado, já tinha me formado, 1977. 1977, 78 eu fiquei aqui, eu fui pro Rio de Janeiro no final de 78, mas os estudantes foram fundamentais. A Juraneide, esposa do professor João Evangelista, falecida prematuramente; Gorete Lucena, foi esposa do companheiro inclusive de prisão, Luciano Almeida, falecida, também, prematuramente; Rosimê; a juíza Maria Soledade Fernandes; a promotora Rossana Sudário; o advogado, o Boanerges; o Antônio Moraes; o François Silvestre, obviamente; o Francisco Giovanni Rodrigues; essas pessoas participavam inclusive do movimento estudantil conosco e da organização etc. Nós tínhamos um movimento forte,

reorganizado com o nome de União e Trabalho, que era a coisa mais ampla possível, que era pra não despertar a fúria da ditadura. O movimento estudantil aqui foi reorganizado com a carta de princípios da União e Trabalho, que nós fizemos na nossa organização de base da reorganização do partido comunista. Estávamos reorganizando o partido, e quando eu era preso, me perguntavam: “estão reorganizando o movimento estudantil?” Não sei; “Estão reorganizando o partido comunista?” Muito menos; “Estão fazendo movimento de anistia?” Pergunte a dona Terezinha, mulher do general Euclides, eu não sei disso. Mas na verdade nós estávamos fazendo as três coisas, estávamos reorganizando o movimento estudantil, o partido e o movimento de anistia; e as três coisas foram reorganizadas. Quer dizer, a ditadura já estava vivendo uma fase de desmoralização, mas também nós fomos objeto nesse período de uma grande traição. Como era feita a eleição para o DCE? Indiretamente. Nós elegíamos, eram 6 centros: CCSA, CCHLA, SAÚDE, TECNOLOGIA, EXATAS, e tal, seis. Os comunistas, não é?! Nós conseguimos ganhar dos 6, 5... O DCE é nosso. Agora vamos escolher o nosso presidente do DCE. Ele nos procurou e lamentavelmente nós não apoiamos, porque não o conhecíamos. Ele estava vindo de Pernambuco muito recentemente, o saudoso companheiro Rogério Gadênio, jornalista, que foi lá da Cooperativa, do Sindicato dos Jornalistas. Nós assumimos compromisso com uma figura chamada Jair Eloy. E votamos nele. Ele foi eleito Presidente do DCE e passou a ser agente da ASI. Nos traiu. E quando terminou o curso de Direito, ganhou um cargo de professor e Diretor do Campus Avançado de Santa Cruz. Jair Eloy de Souza, esse é o nome completo do traidor. Me procurou, no meio-dia, aqui no Campus Universitário, para justificar a traição, pedindo perdão pelo que tinha feito, porque era um homem de origem pobre e tal e tal e tinha sido ameaçado. Eu disse: “rapaz, eu não tenho nenhum poder pra te perdoar porque eu não sou santo. Com traidor, meu sentimento é desprezo! Segue o teu caminho e a gente segue o nosso”. Fizemos um esforço imenso pra eleger esse indivíduo presidente do DCE e ele passou a seguir as ordens de Adriel e de Domingos Gomes de Lima. Até outro dia ele ainda era Chefe do Departamento de Direito Privado, não sei se ainda é.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Bom, se ele se aposentou, já foi tarde.

[Inaudível].

Pessoa não identificada: Foi transferido.

Juliano Siqueira: Foi transferido, não é?! Mais ou menos como aqueles padres que são acusados de pedofilia. Quando descobre o que ele faz num canto, aí transfere pra outro. Chame-o para vir aqui na Comissão da Verdade, eu queria encontrar cara a cara com ele, é um traidor. É preciso que vocês saibam que, quando a gente faz um movimento, a gente encontra companheiros valorosos, se sacrificam, se arriscam, mas é capaz de encontrar gente desse tipo. E o maior responsável fui eu, eu não tinha mais idade pra ser enganado. Se bem que, em 1976 eu estava com 26 anos de idade. Não tinha essa experiência toda. Talvez hoje isso não acontecesse, não sei, não posso garantir, mas ele tinha sido da associação dos marinheiros, cabos e fuzileiros navais. Tinha uma história, nós apostamos nisso, mas se revelou de uma fraqueza terrível. A luta pela anistia aqui na Universidade, quais os professores que nos ajudaram? Já citei: Carlos Antônio Varela Barca. A primeira palestra sobre anistia feita em Natal, 1975, foi feita pelo professor Varela Barca. O único auditório que nós conseguimos foi o da Associação Brasileira de Odontologia, que ficava na Felipe Camarão... Faltou chão. Agora, do lado de fora, tinha mais carro da Polícia Federal do que das pessoas que tinham ido assistir à palestra do Varela Barca. Essa homenagem tem que ser feita ao professor Varela Barca, não apenas por ele ter sido advogado de muitos de nós, mas por ter assumido. O professor Edgar Barbosa que disse “eu não vou assinar o Manifesto, mas contem com a minha solidariedade silenciosa”, era muito o estilo dele, não é?! O professor Mário Moacir Porto, que tinha sido vítima da ditadura lá em Paraíba, onde foi Reitor e perdeu o cargo, chegou pra mim e disse “a ajuda que eu posso te dar, eu vou dar. Vá lá na OAB, fale em nome do Comitê de Anistia e solicite a sede da OAB para fazer as reuniões, porque sei que vocês não estão conseguindo fazer reuniões porque nos lugares que vocês vão a Polícia Federal vai, amedronta as pessoas, isso e aquilo, na OAB eles não vão ter coragem de fazer isso”. Reuni um Conselho. Eu falei uns 5 ou 10 minutos, sei lá ou qual é o tempo que é permitido... Acho que são 10 minutos. Não sei atualmente

qual é o tempo. Mas, eu defendi, não contaram meu tempo, eu justifiquei, é e quase a unanimidade a OAB aprovou ceder seu espaço pras reuniões do Comitê Norte-riograndense de Anistia. Só 1 voto contrário, um advogado, cujo primeiro nome não lembro, mas sei que o nome de família era. Foi o único. Foi o único que votou contra. Todos os demais votaram favoravelmente. Então, alguns professores jovens da Universidade estavam começando a ensinar. Uns tinham, inclusive, respondido processo. Tinham uma situação difícil, mas nos ajudavam na medida do possível: Antônio Spinellii; José Williton Germano, que inclusive foi militante do PCB, do Movimento Secundarista; Antônio Alfredo Santiago Nunes, quando Sociologia passou pra cá, com o curso de Ciências Sociais; professora Jacira Mundim, com muitos problemas, até porque casada com um palestino, que representava no Brasil a Organização de Libertação da Palestina, não era fácil a atividade dela. São esses os nomes que eu me lembro que nos ajudaram bastante. O professor Otto de Brito Guerra nós o procuramos, mas ele se recusou, e se recusou de uma forma bastante próxima com o seu passado integralista. Ele que era uma pessoa muito civilizada, muito educada. Ele colocou o seguinte: “esse Comitê de Anistia é um biombo no Partido Comunista, não contem comigo. Minha preocupação, nesse momento, é resolver o problema do meu filho”. Lamento que o Marcos não esteja aqui presente para escutar, mas ele vai escutar na Ata. Eu disse que vinha pra cá dizer a verdade e essa é a verdade. No outro dia, assisti só a aula de Direito Civil, tranquilamente, não teve problema nenhum. Ele esqueceu o fato do dia anterior e eu esqueci também. Tivemos o apoio de uma figura importante na magistratura do Rio Grande do Norte: Lauro Pinto. Grande figura, figura humana, não sei se chegou a desembargador.

Carlos Gomes: Não, foi juiz.

Juliano Siqueira: Sei que é filho de desembargador, deve ser...

Carlos Gomes: Não, acho que não, foi Juiz. Ele pode ter se aposentado como tal.

Juliano Siqueira: Aposentou-se como desembargador. Está certo, matou a charada. Ele aposentou-se como desembargador, mas não chegou a exercer, mas quando nós

trouxemos a senhora Terezinha Zervini, que é esposa do general Euclides Zervini, que criou o movimento Feminino pela Anistia e fizemos um Ato na Câmara Municipal de Natal, que foi um ato belíssimo e corajoso, e que teve um papel fundamental. Então Presidente da Câmara Municipal, que nem se compara com esse babaca que está lá agora, que era o Érico de Souza Racrat, era um homem de atitudes! Era um sujeito, era um democrata radical. Não era um homem de esquerda, mas era um democrata. Tanto que ele manteve-se no MDB, ao lado dos chamados... Estudo com Roberto, ficou com Odilon, nunca se submeteu a tutela do recém-ingressados no MDB, que tinha sido expulsos da Arena, e passaram logo a ser maioria porque eram os Alves. E eram da Arena, por exemplo, Garibaldi quando estudava comigo em 1968 era Chefe da Casa Civil do Prefeito de Natal. Sabe que era o Prefeito? Era o tio dele, Agnelo. Sabe qual era o Partido ao qual eles eram filiados? Arena, o Rio Grande do Norte tinha duas Arenas, era o único estado do Brasil que tinha duas Arenas. Tinha a Arena Verde, tinha a Arena Vermelha. Arena Vermelha de Dinarte Mariz e Arena Verde de Aluizio Alves, e Aluizio Alves se elegeu Deputado Federal em 1966 pela Arena e com apoio de Duarte Filho pro Senado. E em 1978, apoio o candidato da Arena contra o nosso candidato, que era Rady Pereira, o candidato do MDB, aprovado em Convenção. O povo de Direito falava em Praça Pública antes da Anistia porque eles eram contra a Anistia, eles defendiam a revisão pessoal dos casos e, claramente, diziam “não a Anistia para terroristas”. Olhavam pra nós e nos chamavam de terroristas, essa era a linguagem da Ditadura e dos fascistas. Pois bem, o Roberto Furtado não era ligado a Universidade, era um profissional liberal, era parlamentar, sempre teve o nosso apoio. O José Daniel Diniz, que fazia parte também da ala autêntica do MDB, não era PMDB, era MDB. Eram apenas dois Partidos. E nós tivemos problemas na Fundação José Augusto, grandes problemas. A Fundação José Augusto teve um Diretor, o único Diretor de Faculdade que foi expulso: Láercio Bezerra, Diretor da Faculdade de Sociologia e Política, e substituído por um dedo-duro, que hoje é imortal, imortal no inferno de Dante. Vocês sabem que é o nome dessa figura? Itamar de Souza, que foi o cara que aplicou o 477 no companheiro Rinaldo Claudino de Barros, que era o Presidente Diretório Acadêmico Josué de Castro; e o companheiro Jan pegou a correspondência dele com os Organismos de Repressão, dizendo: “contem comigo que tenho aqui um colaborador da Revolução Democrática de 31 de Março”. Parece-me que na origem era

padre. Vejam que padre. Itamar de Souza. E pra minha tristeza, entrou na Academia de Letras, depois da morte do meu pai, na vaga do meu pai. O velho deve ter tremido. Se bem que papai não acreditava nessas coisas, nem eu também. Não tem preocupação, mas foi uma provocação. Um dedo-duro, fascista, está lá, Itamar de Souza. Está vivo ainda, ciscando. Que mais?

Carlos Gomes: Seu ingresso na Universidade como professor?

Juliano Siqueira: Meu ingresso na Universidade como professor? Foi absolutamente tranquilo. O que aconteceu comigo na Universidade para eu não ser professor, aconteceu em 1976, por ordem de Adriel. Adriel tinha muito poder, rapaz. Era uma coisa impressionante. Porque, como não tinha o concurso, concurso é uma coisa que se consolidou pós-constituição de 1988. Então, qual era o caminho pra entrar na Universidade? Era ser monitor. Você fazia o concurso pra monitor, que era remunerado, tinha também essa vantagem. E eu tava vivendo de aula de cursinho, que eu não conseguia emprego, como eu já disse aqui, fazia o concurso, passava, aí atestado ideológico, vide-verso, aí você tem processo em Sergipe, Alagoas, Bahia, Ceará, não sei quê; só não tinha lua, marte, mas de Belém a Salvador, era a minha tarefa. Tudo bem, então, fiz concurso pra monitor de Ciência Política, foi certa audácia. Mas fiz. Tirei 10 na escrita, 10 na oral, tinha uma vaga, passei. Boletim Universitário publica o resultado: Juliano Homem de Siqueira faltou as provas. Aprovado: Antônio Teotônio Jorge, Sargento da Polícia, média 7.8; eu me lembro bem porque é uma sequência, 7.8, esse indivíduo depois foi Diretor da Colônia Penal João Chaves e ficou famoso pelas práticas de tortura. Eu o conheci muito pouco. Quando ele ingressou na Faculdade de Sociologia e Política pela característica ímpar que ele tinha de ser um admirador, incondicional, de Adolf Hitler. Então, eu que tive as notas máximas, fiquei como não tendo comparecido as avaliações. Quem era o Presidente da Mesa? Da Banca? O professor de Ciência Política, Ivonsizio Meira de Medeiros, também a época, Secretário do Tribunal Regional Eleitoral. Então se precisar de testemunha, ele está aí, vivo. Acho que os outros dois professores que participaram da mesa já são mais vivos, mas ele foi o Presidente. E ficou por isso mesmo. Não teve como resolver a questão. Os companheiros protestaram. Houve manifestações. Nosso coordenador, a coordenação

era a representação estudantil no colegiado do Curso de Direito pelo companheiro Valter Medeiros. Um grande companheiro. Fez um protesto, mas os estudantes protestaram etc. Nesse período teve uma coisa muito interessante, em 1975, às 6h da manhã, eu desperto. Tinha um companheiro de turma, se chamava Abraão Lincoln, já falecido, advogado, acho que das bandas de Ceará-Mirim. Abraão Lincoln Dantas, irmão do Padre Agnelo, foi meu professor aqui de Psicologia, grande figura o Padre Agnelo e Abraão também, grande figura. Então Abraão, sempre, a aula começava às 7h, e ele tinha um fusquinha, e como era muito difícil o acesso ao Campus. Ele dava carona a mim e a mais dois companheiros, a gente vinha junto, mas nesse dia, me acordaram 5h da manhã. Quando eu vi não era Abraão, era a Polícia. Aí, direto para onde? Direto para velha Faculdade da Ribeira. Faculdade de Direito, onde estava funcionando a Secretaria de Segurança Pública. Onde eu tinha estudado, chego preso. Aí, com um pedacinho, chega Rubens Lemos. Mais um estantinho chega a companheira Isolda, isso num final de ano, véspera de um Natal, ela tinha se exilado no Peru. Porque o marido dela foi assassinado, o companheiro estudante do curso de Pedagogia, Silton Pinheiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assassinado pela Ditadura, lá de São José de Mipibú, grande figura Silton Pinheiro, companheiro maravilhoso, grande homem, morreu aos 20 anos de idade. Bom, eu sou responsável, eu que o trouxe pro partido, mas obviamente que ele que veio por consciência e por convicção. Eu fui um simples instrumento. Os assassinos dele jamais eu vou perdoar, enquanto vida tiver. E podem ficar certos que eu vou viver muito. Meu projeto é o mesmo do Oscar Niemeyer, quero passar dos 100. Bom, voltando, eu me emocionei um pouquinho, eu tava falando exatamente sobre o quê?!

Carlos Gomes: Eu perguntei sobre o seu ingresso como professor.

Juliano Siqueira: Não, foi tranquilo. Professor já foi muito tranquilo, porque foi em 1994. 94 nós já estávamos deitando e rolando. O partido estava legal. Eu já vim pra cá, até conversei com meu querido companheiro que está aqui presente, não sei se ainda está, o Marcos Dionísio, que a gente chamava de mosquito. Quando ele chegou lá em casa a primeira vez, mamãe olhou pra ele e disse: “mas como é que chama um cabra desse tamanho de mosquito, ele é maior do que todo mundo aqui”. Não sei da onde é,

ela dizia “como é que você ganhou um apelido desse, pesando quase 80 quilos”, mas o Marcos Dionísio é esse batalhador dos Direitos Humanos e da Cidadania.

[Inaudível].

Carlos Gomes: 1965? 75. O senhor me falou que foi preso.

Juliano Siqueira: Não, aí sim, em 75. Entrei no Curso de Direito. Aí, me levaram de madrugada, 5h da manhã, aí chega Rubens Lemos né?! O Rubão. Aí depois chega Isolda. Depois chega Gileno. Depois chega o doutor Hermano Paiva. Eu digo: “rapaz, a gente vai fazer um Congresso aqui”! Eu levava na brincadeira. Aí chega o velho Vulpiano Cavalcanti. Enfim, está lá. Eles estavam fazendo sabe o quê?! Era uma espécie de censo?! E todas as perguntas eram sobre a reorganização do partido comunista, sobre isso, sobre aquilo e nós não sabíamos de nada. Porque se existe um dever pro Revolucionário é mentir pro interrogador da repressão. Só José Agripino que não entendeu isso e levou um esporro da Dilma Rousseff muito bom lá no Senado. Porque ele foi nomeado pela ditadura enquanto ela estava sendo presa e torturada, entre eles há uma diferença sideral. Então, a gente “não sei”, “esse partido” e eu, eu até perguntava e “existe ainda esse partido? Vocês não acabaram com tudo, ainda existe alguma coisa? Pra mim não existe mais nada.” Hein?!

Carlos Gomes: 1994!

Conceição Fraga: Pra monitor?

Juliano Siqueira: Foi em 1976.

Carlos Gomes: 1976.

Juliano Siqueira: 1976, é. Nós ficamos até de madrugada, rapaz. No DOPS, lá na Ribeira. E a coisa foi muito interessante porque teve um lado positivo pra gente. E era

vieram nos dizer que do lado de fora a calçada tava cheia de estudantes da Universidade. Pessoal tinha ido pra lá pra se solidarizar conosco. E eu escutei o Domício Damásio comentando com um dos agentes da repressão que tinha vindo a Natal pra fazer esse trabalho de levantamento: “essa coisa não era pra ter sido feita assim, isso era pra ter sido feito de uma forma camuflada, daqui a pouco vão fazer um comício lá fora”. Escutei isso. Ele não sabia que eu estava fingindo que estava mijando, mas estava ouvindo o papo dele e escutei essa sua atitude de revolta. Aí o cara disse: “é, concordo contigo, isso foi muito mal organizado, não vai dar em nada. Esses comunas vão sair daqui achando graça da cara da gente”. O cara comentou assim “esses comunas vão sair daqui achando graça da cara da gente” e saímos achando graça. Saímos de lá direto sabe pra onde? Pro velho Casarão que ficava ali perto da Câmara Municipal, cheio de mangueira, só corria o risco de cair uma manga na cabeça. E cervejinha gelada, chope gelado, e a gente comemorou aquele reencontro que a gente não tinha nem programado, porque Isolda fazia um tempão que eu não via. Então, obviamente, que teve um momento de muito sentimento, a gente lembrando do Sifton, aquela coisa toda, mas “vida que segue”, como dizia o companheiro Saldanha. Mas, Rubão, aquele negócio, nós terminamos cantando samba de Chico e tal. A ditadura já tava absolutamente, tinha sido isso depois da derrota fragorosa que eles sofreram na eleição para o Senado, do ano de 1974, foi logo ali no início de 75, eles tinha sido massacrados em 74. O PMDB só não elegeu onde não lançou candidato. No Maranhão, quase que o voto nulo e branco ganha pra José Sarney. Como dizia Fernando Lira, recentemente falecido, a vanguarda do atraso. Mas está aí ainda, mandando em algumas coisas. É a nossa base de apoio... Essas coisas aí que eu não entendo. Bom, mas tem que ser. Não foi uma revolução, foi uma eleição, eleição... Aqui na Universidade, as coisas, enquanto eu estive aqui, nunca afrouxaram. O processo começou a crescer com o crescimento do Movimento pela Anistia, não é?! O enfraquecimento cada vez maior da ditadura. Então, isso é uma coisa muito óbvia, mas até 1977, quando eu me formei, a situação aqui dentro era uma situação de absoluto domínio das forças mais obscurantistas. E devo dizer que, se existia vanguarda nessa Universidade, eram os estudantes. Professores, com os dedos de uma mão só. Sobram dedos. Era a submissão geral. O curso de Direito era um antro de reacionarismo. Não deixou de ser ainda não. É bom que se diga isso. Outro dia eu tava descendo uma escada lá, uma aluna chegou pra mim e me disse

“professor, o senhor fala muito em Marx”, eu disse “quantos professores você tem, minha filha?”, ela disse “seis”, “quantos falam em Marx?”, ela disse “só o senhor”, eu disse “estou perdendo por cinco a um”. Então vou continuar falando, porque só tem eu. Tem uma porrada tudo Kelseniano, sem nunca ter lido Kelsen, mas são Kelsenianos porque é a Teoria pura do Direito. Lê a orelha do livro e bota em prática, agora, uma Universidade que não tem luta de ideias, não tem debate, não devia se chamar Universidade. Devia ser particularidade, singularidade, pensamento único. Se o nome é Universidade, pressupõe algo bastante plural, amplo. Não sou nenhum democrata, liberal, burguês, não. Deixo isso muito claro. Eu sou marxista leninista. A minha concepção é de que toda forma de Estado é uma forma de ditadura. Digo isso pros meus alunos. Estou dizendo pra vocês, porque essa é a verdade. A Lei de Greve existe? Está na Constituição? Está! Não está? Quantos de vocês aqui, alguma vez na vida, já viu alguma tropa de Polícia, de Exército, de Marinha, de Aeronáutica, ir pra rua pra garantir aos trabalhadores o direito de fazer greve? Quem já viu isso alguma vez, em algum jornal, ouviu pelo rádio ou viu na televisão, me respondam, quem já viu? Agora, quantos já viram as tropas irem pra rua dá porrada em trabalhadores em greve, em defesa da propriedade? Todos já viram! E muitas vezes! Então a pedra angular da estrutura política do Estado é a propriedade. Desde a Constituição Republicana de 1991, que não tem nada de republicana, o Brasil está distante da República ainda, é uma *res privata*, todo brasileiro é um balcão de negócios privados. Desde a Constituição de 91, do século XIX, que se fala na regulamentação na função social da propriedade, quando é que isso foi feito? Em todas as Constituições tem isso. Quando é que foi feito isso? Quando é que isso vai ser feito? Só quando nós tivermos um Regime Socialista, é óbvio. O capitalismo vai se autorregulamentar em favor do não lucro, da não mais valia, pois não?

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Imposto, sobrando fortuna, minha amiga. A gente defende a quantos anos? E sabe que isso nunca vai ser. Nos Estados Unidos, Barack Obama não consegue impor. E Barack Obama não é essa flor que se cheire não. Barack Obama tem a cara dos... Ele agora manda matar né?! Mas não tem ninguém pilotando soa aviões, aí o

crime fica como se não tivesse autor, mas ele faz a lista dos que devem morrer. Então, é um preto de alma branca, não me engana não. Agora, a mim não engana. Agora, entre ele o Romney, aí é terrível. Porque o Romney é um fascista e além do mais burro, débil mental, idiota, um sujeito que diz que a terra tem 4 mil anos. Então, nem pelo primário passou. Nem no Mobral da Ditadura daquele tempo, que o pessoal das aulas de EPB colocava como o maior modelo de alfabetização do mundo. A gente viu que foi a maior droga, em termos de alfabetização, que já aconteceu no mundo, faziam lá os nossos intelectuais, vou repetir os nomes pra ninguém esquecer: Jurandyr Navarro; seu companheiro de Instituto Histórico, Aluizio Rodrigues; Nilton Pires, parece que ele se aposentou agora. Esse pessoal todinho fazia o elogio dessas loucuras da ditadura. Eram “90 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração.” ... “Eu te amo, meu Brasil. Eu te amo!” “Brasil, ame-o ou deixe-o” pode um negócio desse? Inspirado no *slogan* da Campanha de Richard Nixon. Vejam só as inspirações, onde eles iam buscar? Eu vivi essa Universidade, agora, a minha situação, acho que o companheiro Françoise tem uma forma de enfrentar a vida um pouco diferente da minha. Françoise é mais, vamos dizer, mais aberto. Eu sou uma pessoa, diz-se que eu sou mais sectário, dogmático, não tem problema nenhum. Em relação ao fascista, sou mesmo. A minha máxima é a de Dimitrov: “fascismo não se discute, fascismo combate-se”. Vou perder meu tempo discutindo com fascista? Não tem tempo. Vou perder tempo discutindo com fascista? Vai levar a que? A que leva? Sentar numa mesa pra discutir com Adolf Hitler? Com Benito Mussolini? Com Pinochet? Onde é que eu vou? Tinha, tinha outro aqui na Universidade que era um dedo-duro, esse galhardeado, famosíssimo, Ivan Benigno, veio trabalhar aqui pelos bons serviços prestados a ditadura. E um parente meu, recentemente falecido, lamento muito, um homem que lutou contra o nazifascismo, foi pracinha, foi pra Itália, herói de guerra, chegou a ser chefe do DOI/CODI aqui em Natal: Cleanto Siqueira. E veio trabalhar aqui como Chefe do Departamento de Esporte da Universidade, que era articuladinho com a ASI. Quer dizer, todos os espaços da Universidade estavam, absolutamente, ocupados pela direita. A direita militante. Agora, eu não vejo, eu – concretamente – fico chocado porque eu não conheço um estado que tenha mais democrata por metro quadrado do que o Rio Grande do Norte. Aqui não teve ninguém representando a ditadura, todo mundo aqui era democrata. Aluizio era democrata. Os seguidores de Dinarte eram democratas. A ex-esposa de Lavoisier era

democrata. Lavoisier foi nomeado pela ditadura e votou em Maluf no Colégio Eleitoral, rapaz. Até no Colégio Eleitoral, quando não tinha mais nem jeito. Já com o caixão fechado. Votou contra Tancredo, imagine. Democrata, todo mundo é democrata. Ninguém passou pela Arena, ninguém passou pelo PDS, ninguém passou pelo PFL. Ninguém foi biônico, nada. Essas coisas não existem. Agnelo foi da Arena, Garibaldi foi da Arena, Henrique foi da Arena, Aluizio foi da Arena, pois é. Alguém se lembra disso? Eles se lembram disso? Se lembram disso? Os jornais deles, Aluizio, Aluizio Alves, dono da *Tribuna do Norte*, quando os militares começaram a se movimentar, da noite de 31 de março pra primeiro de abril fez duas primeiras páginas pro jornal: uma apoiando o golpe e outra apoiando Jango. Quando viu que Jango ia se ferrar, mandou recolher a edição que apoiava Jango e saiu aquela “Brasil salvo do comunismo!”. João Faustino escreveu um livro, parecido assim com São Francisco, acho que é a imitação de São Francisco. São Francisco na frente dele é um que perdoa todo mundo. João Faustino, sabe o que é que foi ele? Para não ser condenado, pra cair nas graças da Ditadura, passou 10 anos, todo dia 31 de março, matéria paga na primeira página da *Tribuna do Norte* e do *Diário de Natal*, fazia um documento elogiando o Golpe, chamando de Revolução Democrática e Redentora. Tem muita gente aqui nesse estado que não gosta de mim. E eu lamentaria muito se não tivesse. Porque eu não confio em pessoas das quais todo mundo gosta. Não presta. Quem agrada a todo mundo é um pulha. Não tem posição. Então, não gosto, continuo não gostando. Fique lá, que eu estou cá. Vamos demarcar posição. Abaixo a hipocrisia. Pode claro!

[Inaudível].

Juliano Siqueira: 10 anos seguidos. Elogiando. *Diário* e *Tribuna*. Saia nos dois, que era os dois que circulavam, porque *O Correio do Povo* ninguém lia, só Genaro e Dinarte Mariz. Genaro, que era o Diretor e Dinarte, que era o dono teórico. Os jornais de circulação eram *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*, que acabou, não é?!

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Hein?! E era uma peroração mesmo, a palavra está exatamente aplicada, era isso mesmo.

Carlos Gomes: Vou abrir para o setor de perguntas.

Juliano Siqueira: Pode, pode perguntar. Bom, ele está fazendo uma sugestão aqui pro setor de perguntas. Eu quero deixar.

Carlos Gomes: Eu acho que está todo aí.

Ivis Bezerra: Eu estou só.

Juliano Siqueira: Eu não tenho absolutamente nada a esconder. Eu só queria dizer pra vocês o seguinte: se nós participamos de uma luta e achamos que ela é justa, mas aceitamos oposição, nós só não aceitamos, sabe o que, a barbárie. Eu tive companheiros, absolutamente, maravilhosos. Do ponto de vista humano, do ponto de vista intelectual, que foram assassinados de uma forma brutal. Mário Alves Souza Vieira, um dos homens mais inteligentes que eu conheci na minha vida, ele foi assassinado aos 46 anos de idade, empalado. Vocês sabem o que é isso? Morrer empalado?! Ele começou a ser interrogado à meia-noite, às 4h da manhã ele estava morto. Porque não quis entregar o endereço da sua esposa e das suas filhas. E não entregou. Pegaram um pau, vazado de prego e enfiaram. E ele já no pau-de-arara, levando choque elétrico. Eu no pau-de-arara, levando choque elétrico, é uma coisa que tem até um aspecto cômico, mas não pra quem estava lá na hora. Eu tive que falar várias vezes com Pequim, Moscou e Havana. Sabe como? Na base do choque elétrico. A gente no pau-de-arara, eles amarram um fio no dedo mínimo do pé, amarram o outro nas algemas, e faz a ligação completa. Aí a manivela, a ligação rápida, vai falar com Fidel Castro agora. Só que essa era curta, mas era muito repetida. Mas uma manivelada dessa é uma paulada, é uma porrada. E pra amainar, joga água e jogando água, o choque fica muito mais violento, porque água é mineral e mineral é bom condutor de energia. Eu entendo um pouco disso. Gosto de ler,

até outro dia eu tava lendo uma do Barão de Itararé, o Barão de Itararé fez um discurso muito revolucionário.

Ivis Bezerra: De farmacologista hereditário.

Juliano Siqueira: Hein?!

Ivis Bezerra: Você é farmacologista hereditário.

Juliano Siqueira: É, é o meu pai. Eu conversava sobre isso, mas não tenho nenhum amor por Farmácia não, viu?! Eu não tenho nem plano de saúde. Eu não tenho problema nenhum. Eu não tenho dor de cabeça. Não tenho dor de barriga, não tenho nada. Não tenho nem plano de saúde, não quero nem saber disso. Mas, vou falar a verdade: o Barão de Itararé fez um discurso bem revolucionário quando foi eleito vereador pelo Partido Comunista na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Quando ele acabou de falar, levantou-se um cabra da UDN, nessa época o partido era tão forte que dos 35 vereadores, o partido elegeu 18. Não precisava fazer aliança com ninguém. Aí, quando o Barão de Itararé acabou de fazer o seu discurso sobre o Imperialismo, levanta-se o cara da UDN e diz: “o que você disse entrou num ouvido e saiu no outro”. Ele disse: “Excelência, é impossível, o som não se propaga no vácuo”. Eu acredito que eu não estou fazendo isso aqui. Então, bom, todos entenderam, mas a gente não pode aceitar, Emmanuel Bezerra, Emmanuel foi mutilado, esquartejado. Luiz Gonzaga morreu, Luiz Gonzaga, o vice-prefeito da Cidade, pela violência de um interrogatório a que foi submetido no quartel do Recife. Eu vi companheiras sendo serviciadas, mulheres em fila para serem torturadas. Eu fico imaginado como um homem tem condições de chegar à ereção pra servir uma mulher que está algemada e sendo torturada. Isso não é um ser, é um monstro. Está abaixo da condição humana. Eu não me imaginaria jamais numa condição dessa, creio que nenhum de vocês aqui presente se imaginaria nisso. Fazendo... Não é um ato de covardia não, é um ato de bestialidade. Como perdoar esse povo? Essa Lei da Anistia que está aí, é uma lei esquizofrênica, bipolar. Como pode comparar torturado com torturador? Como? Nós algemados, acudados, sem ter como nos defender, sendo espancado por todos os lados, pendurados, conduzidos, carregados.

Aquele açude lá de Dois Irmãos, perto da casa do Gilberto Freire, perto de... Os caras de botavam pendurado pelos pés, com um saco plástico. Cobrindo, vai afunda, tira, traz. E o George Bush disse que isso não é tortura não, que isso é interrogatório intenso. E a CIA colocou no seu manual. Teve um Iraquiano que suportou 97 imersões, 97 vezes o cara passar por afogamento?! Eu, quando fui retirado do pau-de-arara, num determinado momento, o Tenente que hoje todo mundo sabe que foi um dos maiores torturadores da história do DOI/CODI, que foi um dos assassinos de Mário Alves, e de muitos outros companheiros, do Frutuoso, Armando Frutuoso, que era do PC do B! Que não traiu, como foi o caso do José Teles, que – pra não morrer – entregou a reunião do comitê central do partido. Não tem traidores só aqui não, como esse que eu citei agora a pouco, também tem em todo canto, enfim, a traição existe e tem seus agentes. Mas, Frutuoso foi cortado a gilete. O Bacunim viu a morte dele no jornal. Mostraram o jornal, olha... Cortaram as orelhas, arrancaram o nariz, castraram.... É possível perdoar esse povo? Conviver com esse povo? Isso é gente? Citem aí! Vocês já imaginaram se Cuba fizesse com algum preso o que eles faziam conosco aqui? Na Argentina, foram 36 mil mortos. No Chile, daquele tamanho, 6 mil. Na Guerra Civil da Guatemala, 285 mil mortos. A Guatemala, a Guatemala é menor do que o Ceará. Na Nicarágua, 180 mil mortos. Em El Salvador, 220 mil. El Salvador do tamanho de Sergipe. Aí vem uma bandida como essa Yoani Sanches aqui no Brasil, fazer propaganda paga pela CIA? Com a cobertura da *Veja*, do *Globo*, da *Folha de São Paulo*, de toda essa catreva que faz a mídia vil e servil do nosso país. Liberdade imprensa uma ova, liberdade de empresa. Liberdade de expressão? Liberdade de extorsão, de distorção. Nós queremos uma imprensa que seja realmente fiel à realidade. Não é a toa que o *Jornal Nacional*, felizmente, caiu sua audiência de 40 para 24%, porque o povo não acredita mais nas mentiras que eles mostram lá. Não acreditam. A *Folha* vendia 510 mil exemplares no domingo, caiu pra 300 e vai se acabar. Todo dia está fechando jornal. O *El País* botou Chávez entubado. Quem era, não era Chávez, era uma foto de 2008, de um cara. Hoje, *O Globo*, sabe qual é a principal manchete? Liga lá a internet e veja: “A evolução do estado de saúde de Chávez não é aquela que os seus companheiros esperavam”, quer dizer, é a aposta na morte. É torcendo pro cara morrer. Teve uma eleição na Armênia que vai pro segundo turno, qual é a proximidade que nós temos com Armênia, doutor Gomes?! Teve mais notícia sobre essa eleição da Armênia, que não vale porra nenhuma pra gente, está

gravando, não é?! Vale! Então, tudo bem! Não corta não, sem censura. E a eleição de Correa no Equador, com maioria absoluta no Congresso etc., derrotando a mídia golpista como a daqui, procure pra ver! É procurar uma agulha no palheiro! Assim como a eleição de Chávez. Não ganhou, apenas com 2 milhões de votos de maioria, isso em 10 milhões de votos, 20% está achando pouco? Que é que você quer mais? Queria 99,9% é? Eles tão perdendo uma por uma, agora vão perder o Chile. Vamos ganhar novamente na Bolívia. No México foi um assalto! Não ganharam a eleição, roubaram a eleição, porque o México é vizinho dos Estados Unidos e como tinha o Presidente Cardenas, muito sabiamente, pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos. Não é a toa que o México tinha 4 milhões de quilômetros quadrados e hoje só tem 2 milhões. Vocês sabem que a Califórnia era México. O Novo Texas era México, aliás, o Novo México era México. O Texas era México. Utah era México. Nevada era México. Arizona era México. Colorado era México. Somado isso, dá 2 milhões e 200 mil quilômetros quadrados. Quase o tamanho da Argentina! Foi roubado do povo do México em 2 anos de uma guerra inventada. É isso aí. Porto Rico é uma colônia. Guantánamo é uma base norte-americana dentro que Cuba, que virou um campo de concentração, igual a Abugrado. Então, eu não me arrependo de nada que fiz e se alguma coisa me dá motivo de orgulho é ter tido disposição, coragem seria até um exagero, de no momento em que vi meu povo sem ter como lutar, como diz a música de Chico, “olhando de lado e falando pro chão”. Eu disse: “não é possível, temos que fazer alguma coisa” e bons companheiros, melhores do que eu, me incentivaram, me mostraram o caminho certo. É a única herança que eu deixo pros meus filhos, porque eu não tenho nenhum bem a declarar. Todas as vezes em que eu fui candidato, pode ir lá no Tribunal, não tenho bem nenhum a declarar. Tenho algumas dívidas que não consigo pagar. E um contracheque miserável na Universidade porque tiraram minha dedicação exclusiva e minhas 40 horas, eu ganhei nas plenárias, mas até agora não foi devolvido e recebo como professor de 20 horas, mesmo tendo cinco turmas. Meu salário líquido aqui hoje é R\$1.600,00. Eu sou praticamente um gigolô, porque minha esposa ganha mais do que eu. Felizmente, porque com R\$1.600,00 tem que pagar aluguel, comer, etc. Estamos ficando bem. Inda bem que eu deixei de tomar até minha cervejinha. Quase 2 anos que eu não sei o que é tomar um copo de cerveja, não estava me fazendo bem nenhum. Então, agora, estou me sentindo bastante bem. Tanto que estou aqui, falando

para vocês, com muita tranquilidade. Noutra circunstância talvez eu tivesse com uma agressividade desnecessária. Mas eu já falei demais, podem perguntar o que quiserem.

Carlos Gomes: Professor Ivis.

Ivis Bezerra: Meu caro, Juliano, eu quero – em primeiro lugar – dizer que foi uma satisfação muito grande ouvi-lo. Eu estou querendo aqui dá, não vou lhe fazer nenhuma pergunta, quero dar um testemunho aqui porque aqui, fora eu e Carlos, que está na Presidência e não pode falar muito. O resto é todo muito jovem, inclusive Justina. E não viveu essa experiência como eu vivi. Nós temos, eu sou 9 anos mais velho do que ele. Não somos da mesma geração não, mas na convivência, nas atividades, somos de gerações muito próximas, eu acompanhei toda a sua trajetória já no Movimento Estudantil, já era professor, ainda muito jovem, em começo de carreira na Universidade. E o testemunho que eu quero dar aqui é que, com exceção de 2 ou 3 nomes que você citou nessas quase 2 horas, todos eu conheço e assino embaixo o diagnóstico que você fez. Então, esse foi um depoimento que é digno de Juliano. E você usou duas qualidades que o meu querido mestre, Emerald Siqueira, tinha e você herdou dele: honradez e coragem.

Juliano Siqueira: Obrigado.

Ivis Bezerra: Esse depoimento, eu também quero dar pra você, nós nunca conversamos sobre isso, ele foi meu professor no Atheneu, no velho Atheneu.

Juliano Siqueira: Quem não foi aluno dele, não é?!

Ivis Bezerra: É. De 1955 a 57, científico, velho científico e foi uma pessoa que, junto com mais dois professores, naquela época o Atheneu era uma Universidade. Juntamente com mais dois professores, com um perfil muito parecido com o dele, não só de honradez, como de inteligência e cultura, Luiz Maranhão e Antônio Pinto de Medeiros, e formaram a minha consciência política e de ideias e, enfim, tudo que eu possa ter de

alguma coisa razoável eu aprendi naquela escola, que seu pai, Emerald, foi um dos meus grandes mestres. Parabéns pela sua coragem! Tudo que você disse aqui é verdade!

Juliano Siqueira: Muito obrigado, professor!

Ivis Bezerra: Obrigado também!

Juliano Siqueira: Obrigado, amigo Ivis.

Conceição Fraga: Professor Juliano, eu fico muito feliz de ouvir seu depoimento porque ele cria para esta Comissão, para os presentes, cela um compromisso muito importante. Eu acrescentaria nas qualidades do professor, Ivis Bezerra chama atenção, eu acrescentaria também a objetividade. Porque o senhor faz, num curto tempo, um mapeamento perfeito do que acontecia nesta Universidade. Com isso, o senhor cede a esta comissão.

Juliano Siqueira: Não me chame de senhor, não...

Conceição Fraga: Cede a esta comissão, os caminhos que ela deve trilhar. O senhor nominou, não só dando os nomes, mas os fatos, os acontecimentos, os envolvidos, os prejudicados. Com a ação de cada um desses nomes. Certamente, portarias existem pra essas pessoas fazerem parte de determinados atos, por exemplo, houve uma banca pra formar um Concurso, que nós sabemos que essa banca aprovaria ou não os candidatos que iam ser monitor, mas nós sabíamos que esses monitores, pela política da época, seriam certamente professores e você, inclusive, é um dos prejudicados. Dar nome de quem presidiu a banca, tem portaria. Então, cabe a essa Comissão, levantar essa portaria para ajudar a elucidar esse fato. Certamente, tem portarias, tem atas comprovando essas, claro que a gente que, muitas vezes, as atas não refletem as minúcias dos acontecimentos, mas os resultados, o que diz, desperta uma curiosidade, o que diz?! É, nós sabemos, também, eu gostaria de ouvir dois comentários, que eu não quero tomar muito tempo pelo avançar da hora e sei que está todo mundo curioso, querendo um

pouco, colher mais informações suas, mas por exemplo, nós sabemos que a pós-graduação hoje no Brasil é uma política de governo, das Instituições, para formar professores, mas àquela época nós sabíamos que não era. A pós-graduação no Brasil era quase que um presente ou um convite para tirar alguns professores da Universidade, para que os Movimentos não avançassem. Eu fico muito animada em saber que tem, novamente reitero esse comentário, alguém da ADURN aqui nessa Comissão, porque imagino que esteja rastreando a história desses professores, porque nós sabemos que muitos professores saíram para pós-graduação ou para impedir seu crescimento na liderança dentro dos Movimentos. Ou de maneira negociada, porque era filho de “A” ou tinha relações. “Homem, vá embora fazer essa pós que você não se compromete”. Eu não sei, isso eu ouço! Gostaria de ouvir se o senhor sabe ou se é só conversa de que a gente ouviu falar. Nessa linha. Da mesma forma que o 477, que a gente saiba, o único aluno foi Rinaldo.

Juliano Siqueira: Foi Rinaldo.

Conceição Fraga: É isso mesmo? Se tem algum aluno prejudicado. Porque essa Comissão, me parece, ela vai se restringir a Universidade. Então, assim, foi riquíssima, você deu uma grande aula de História do Brasil. E para gente isso é muito bom. Eu até sugiro, pra quem está gravando, deveria colocar, se você autorizasse, acho que você já deveria autorizar, eu mesma tenho interesse de fazer uso, depois vou lhe procurar, pra pedir autorização.

Juliano Siqueira: Totalmente liberado.

Conceição Fraga: Gostaria que fosse dado em público meu depoimento.

Juliano Siqueira: Não vou cobrar direitos autorais.

Conceição Fraga: Porque eu acho que esse seu depoimento tem que está disponível em internet, as pessoas têm que ouvir, tem que saber. Porque professor, na pesquisa, eu

estou aqui mais como uma curiosa na pesquisa, porque eu oriento pessoas de graduação e de mestrado coma temática e, tipo assim, você dá as pistas, você diz as pessoas, então cabe a gente ir atrás e sair juntando. Quando alguém ouve e vai juntando, esse colorido fica bem maior pra construção de um relato, como o senhor disse, plural, dando as diversas visões, enfim. Mas, acho que seria muito bom que relatasse um pouco sobre o que é que você viu com relação aos professores. Se, eu sei até de nomes, não vou – naturalmente – comprometer, nem dizer nada aqui, mas tenho pistas de nomes que saíram pra pós dentro dessa linha aí. Gostaria de ouvir o que você tem a dizer.

Juliano Siqueira: Olha, muito rapidamente, é, o que a professora Ceiça Fraga coloca é importante. Eu insisto aqui no agradecimento a lembrança da figura do meu pai, que eu tenho o dever de honrar e defender, mesmo diante de todo o silêncio que é imposto. Até porque ele é uma figura muito impura, tanto quanto eu herdei isso dele também, tudo bem. Agora, professora Ceiça é o seguinte: havia uma coisa aqui na Universidade terrível, havia um domínio de uma chamada ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra). Ainda existe essa, mas hoje é uma coisa – absolutamente – sem importância, mas naquele tempo ser adesguiano era alguma coisa assim, sabe, iluminadora. Era um puxa-saquismo, era todo mundo lendo Golbery do Couto e Silva, *Os Objetivos Nacionais Permanentes, A Geopolítica do Brasil*. Tendo coragem de ler *Terras Encharcadas*, de Jarbas Passarinho, sem medo de pegar impaludismo. Porque é um risco danado. Terra encharcada e impaludismo, está tudo muito próximo, que – do ponto de vista literário – é uma desgraça. *Maribondos de Fogo*, de Zé Sarney. Porque, maribondo sem ser de fogo já faz medo, imagine de fogo. Deve ser uma coisa muito mais violenta. Então, essa geração de professores adesguianos, quanta gente a ADESG nomeou para a Universidade? E quanta gente foi fazer mestrado fora do Brasil pra servir a ditadura. Eu não posso citar nomes, se eu tivesse nomes, citaria, obviamente. Mas seria cometer uma leviandade, mas eu sei que havia a famosa negociata do mestrado externo, isso aí eu sei. E sei, também, que o professor que conseguia o diploma da ADESG era professor titular da Universidade. Não tinha concurso. São os adesguianos. Quantos se recusaram a fazer ADESG aqui na UFRN? Eu vou lhe dizer quantos: Spinelli, Willington Germano, Antônio Alfredo Santiago Nunes, a professora Jacira, e outros até que eu desejaria dizer que resistiram, mas não resistiram, os demais todos se

submeteram. Quem era o Chefe do Departamento ou a pessoa? E tem história não é?! Que obviamente se arrepende disso, eu imagino que sim, faz autocrítica, arrependimento é uma coisa muito religiosa, como Jardelino. Jardelino foi conivente com isso. Professora Renira foi conivente com isso. E são pessoas que hoje não devem se orgulhar desse passado, mas eu não tenho problema nenhum com o erro que eles cometeram não, eles cometeram, eu fui testemunha e fui vítima, como muitos foram. Então, nós temos é que colocar a verdade. Eu só tenho compromisso com a verdade. Posso cometer erros, até falar inverdades, mas se descobrir que não é verdade, farei autocrítica imediatamente, como dizia... Eu admiro muito como escritor e como pensador: “a autocrítica é o pão nosso de cada dia”. Cometeu o erro? Autocrítica tem que ser feita, mas havia essa questão, que não enobrece nada a Universidade, muito pelo contrário. É um período, absolutamente, não vou dizer negro não porque isso é uma expressão, absolutamente, marcada pelo escravagismo e pelo racismo, é um período obscuro. É o obscurantismo e o fascista andam *pari passu*. São irmãos siameses.

Carlos Gomes: Professor Almir.

Almir Bueno: É, também partilho dos colegas que me antecederam em relação ao seu depoimento, Juliano.

Juliano Siqueira: Obrigado.

Almir Bueno: Tive o prazer em conhecê-lo ainda nos 1909. Quando eu tava vindo aqui pra o Rio Grande do Norte, na Universidade.

Juliano Siqueira: Estava chegando.

Almir Bueno: Vindo de São Paulo. Tinha origem é, na militância política no PC do B e aí, o depoimento que você colocou, assim como o de Roberto Monte a semana passada. Também, é, reaviva um pouco da experiência que eu tive posteriormente. Eu entrei na Universidade em 1977. Já no momento que o Movimento Estudantil estava se

reorganizando pra lutar contra a ditadura. É, mas, enfim, o que eu queria, assim, que você colocasse um pouco mais, fosse possível, se você tivesse alguma coisa a acrescentar em relação ao que o depoimento da semana passada, do Coronel José Renato, é que colocou que ele foi, ele sucedeu Adriel. Na Chefia da ASI e ele pessoalmente, ele não tinha, num sabia de nada, num lembra de nada. Apenas colocando que ele foi convidado pelo reitor Genário.

Carlos Gomes: Não, Genivaldo.

Almir Bueno: Genivaldo, pronto. Era seu amigo e Adriel não era bem visto na época, é, até pelo próprio reitor. E quando eu, ouvindo o depoimento assim, eu até tentei fazer com que ele colocasse mais alguma coisa, mas ele não lembrou, alegou até própria questão da idade. Você tem alguma a acrescentar em relação a essa, não sei, nesse período acho que você já não estava, estava no Rio, eu acho. Mas você teria alguma coisa a acrescentar, em relação a essa, ao período de Adriel, na ASI aqui.

Juliano Siqueira: No período de Adriel eu coloquei que eu fui vítima direta dele. Enquanto eu estive aqui, até 1977, tudo bem. Quando eu saí daqui, em 78, continuei sendo, porque ele continuava tendo relacionamento muito íntimo com o Chefe da Polícia Federal aqui, que era Hugo Póvoa, uma figura absolutamente neonazista. E o Chefe do DOPS da Polícia Federal aqui era Geraldo Dália, que quando eu fui eleito vereador, pela legenda do PC do B, em 96, me surpreendeu muito porque numa solenidade, na loja Bartolomeu Fagundes, uma loja maçônica, aqui na Alexandrino de Alencar, eu fui representando a Câmara Municipal e encontro esse indivíduo, foi um dos que invadiram minha casa e chefiava o DOPS da Polícia Federal, como orador da loja Bartolomeu Fagundes. Geraldo Dália?! Um fascista daqueles assim... Mas que fazer?! Agora, seria leviandade de minha parte tecer qualquer comentário sobre o período em que o José Renato Leite esteve à frente da ASI, porque eu viajei pro Rio de Janeiro como disse. Eu só não fui um pau-de-arara porque consegui uma passagem de avião, mas fui lá pra trabalhar, a convite do meu amigo Jaime Aristón, que já estava trabalhando no Departamento Nacional do SESC. Ele me disse: “mago, venha pra cá”, era a forma como ele me chamava, até porque eu não sou gordo. E vai abrir um

concurso aqui e eu cheguei lá, era 88 pessoas pra uma vaga, eu cheguei e disse “você é um filho de uma puta, você me chamar pra disputar com 88 cariocas aqui, uma vaga na área do planejamento cultural, você queria apenas que eu viesse passear aqui no Rio de Janeiro, conversar contigo, falar sobre Natal” que ele vivia ligando pra mim pra saber como é que tava até, mas aí eu tive sorte e consegui passar e fiquei lá. O salário era bom, permitiu até casar né?! Cheguei a morar até numa cobertura, na rua Paisandú, em frente Danilo Bessa, morava na Paisandú se lembra, acho que a gente se encontrou lá uma vez?! Eu, ele, você e Luiz Carlos Guimarães tomamos até uns “negócios firmes”. Então, morava ali, Danilinho num lado. Quando cheguei lá o pai ainda estava vivo. O velho Bessa, o homem das brejeiras, famoso. Estava vivo o velho Bessa! Estava já com processo avançado, tinha cortado, amputado um pé, mas, então deu sorte. Realmente, imediatamente, me liguei ao companheiro Prestes, quando voltou ao Brasil, o Prestes desistiu da luta interna dentro do partido Comunista, obviamente que entre ele e o partido, eu fiquei com o partido. Fui eleito pro Comitê Central do partido para a Direção do Rio de Janeiro. Fui eleito pro Sindicato da nossa categoria. E tinha emprego, um salário razoável. A mãe dos meus filhos, no caso a minha primeira esposa, também tinha emprego, então a gente passou a ter uma vida equilibrada, mas ainda fui preso 3 vezes no Rio de Janeiro. Inclusive um beneplácito da empresa local até em uma prisão besta de pegar eu de noite e soltar no outro dia, deu até manchete no jornal daqui. Só pra preocupar minha mãe, mas minha mãe é uma mulher – o Marcos Dionísio conheceu – de muita luta, diferentemente de meu pai. Isso aí eu também puxei muito a ele, nós não temos religião, meu pai não tinha, eu não tenho, mas minha mãe é cristã católica, mas uma pessoa que participou do Comitê da Anistia, ela visitava aos presos políticos, sempre foi solidária com a Revolução Cubana. Sempre teve admiração pelo Comandante Fidel, pelo Comandante Che, sempre votou nos candidatos da esquerda, quer dizer, uma cristã verdadeiramente cristã. Como diria Dom Nivaldo Monte, quando se referiu a Vulpiano Cavalcanti, quando Vulpiano tava sendo torturado na Base Aérea e Natal, Dom Nivaldo com seus pares: “Ele é muito mais cristão do que todos nós”, palavras de Dom Nivaldo. Então, minha mãe recebia os companheiros de partido em casa, como se fossem filhos dela, com a maior afinidade e tal. E nunca colocou em ninguém a culpa de ter o seu filho sido preso, torturado e tudo mais. Ela sabia que era uma opção minha. Uma opção que eu fiz muito cedo. Obviamente que ela queria que eu

fosse católico, como ela era, mas eu optei por não ser, mas quando eu disse a ela que tava no partido comunista, ela ficou preocupada, mas disse :“é isso que você quer, vá em frente, agora seja homem”, e foi um bom conselho. Mas se eu falar sobre o José Renato na ASI, realmente, eu estarei cometendo uma leviandade, não posso dar nenhum depoimento.

Carlos Gomes: Rinaldo...

Juliano Siqueira: Pois não, companheiro?!

[Inaudível].

Pessoa não identificada: Além da questão desses Comitês políticos fascistas que eram organizados ideologicamente por alunos, professores e funcionários da Universidade, devia também existir espaços físicos cedidos para esses Departamentos pra poder também está tendo seu arquivamento, é, a Universidade, inclusive, deve ter produzido documentos de pessoas aqui, quem eram ligados aos comunistas. Então, além da questão que a gente cobra tanto a abertura dos arquivos por parte de Aeronáutica, do Exército, da Marinha, eu acho que a Universidade também, a partir dessa questão dos professores, que naquela época, essa bancas que era, apesar das suas devidas proporções, ainda até hoje, existe um pouco dessa forma de acesso a Universidade, devido as suas proporções, claro, mais transparente, tem prova e tudo, mas a primeira coisa que eu escutei aqui na Universidade quando eu entrei era “colar em um professor e em uma base de pesquisa, que era o meu primeiro passo pro mestrado”, tem uma tutela. Então, nas suas devidas proporções, um pouco parecido, e aqui na Universidade esses espaços físicos que eram destinados pra isso. Até pra gente poder fazer pesquisa, essa coisa toda, também fora isso, a Universidade até hoje ela, foi até Gabriel Vitullo que falou na Segunda Aula Magna de Direito sobre verdade e justiça, muitos nomes de pessoas que são homenageadas. Que, de certa forma ou de outra, apoiaram a ditadura militar. O Centro de Humanas, ao qual eu estudo, por exemplo, Câmara Cascudo! A qual teve um herói lá que foi Manoel Bezerra que até hoje não teve, a Universidade não deu a sua diplomação de sociólogo, que apesar dele não ter concluído aqui na

Universidade, mas concluiu na vida e ajudou de outra forma. Então, professor, esses espaços físicos aqui como é que era, onde eram também?! Que eu soube até hoje que naquela parte embaixo da biblioteca, por exemplo, onde eram os arquivamentos das pessoas da ditadura militar, que era controlado pela Universidade.

Juliano Siqueira: Existiam algumas áreas da Universidade que eram inteiramente interditadas. Pelo menos a nós, estudantes. E mais ainda aos estudantes que já eram devidamente marcados. Os que já viam, já chegavam aqui com fama de, por exemplo, eu tinha saído da prisão em janeiro e depois do carnaval tava começando as aulas, então, era cercado, não tinha jeito e quem se aproximava de mim ficava numa situação muito difícil. Quer dizer, o trabalho, a tarefa que o partido me deu de reorganizar o partido na Universidade, o Movimento Estudantil, o Movimento da Anistia, eu tive que cumprir com muita paciência. Até porque eu resolvi fazer uma terceira tarefa, além da Anistia, do Movimento Estudantil e da reorganização do partido, resolvi ser o melhor aluno da turma. Tanto que, em 4 anos, eu só tirei um conceito B. Era A, B, C, D, E. Eu tirei um conceito B em 4 anos. Todos os outros foram o conceito A. Até em Educação Física. Jogando futebol! De Educação Física não tinha nada, jogando bola. Quebraram a minha perna direita, mas – felizmente – deixaram a esquerda O olho também foi o direito, só acertaram na direita. Então, escaparam, e a natureza diz uma coisa: “quando um olho está fraco, um vai e ajuda o outro”. Dá pra ler, dá pra ver, dá pra escrever, mesmo que estilo não seja bom, mas dá pra rabiscar alguma coisa. Tinha os espaços, eles tinham espaços privilegiados. A ASI, por exemplo, ficava ao lado da sala do reitor. Era comunicação direta. Adriel entrava e saía da sala do reitor como se algum de nós quisesse... Então era uma coisa profundamente umbilical. Era tudo muito ligado. E existia uma figura aqui dentro da Universidade que ninguém sabia sequer os nomes, depois a gente ficou descobrindo que era um cara do... um Capitão de... Um Capitão de Corveta. Era cara da SISA (Serviço de Informações e Segurança da Aeronáutica). Era o pessoal da 2ª Sessão. Apareciam umas figuras por aqui assim estranhas, mas havia esses redutos. Coisa assim, bem, os *bunkers* da organização fascista. Isso realmente existia. Existia e foi se formando depois do AI-5, depois de 1968. Depois desse período que eu fiquei na prisão, quando eu voltei, essa coisa já tava consolidada, os DOI/CODIS etc. E relações com organismos fora da Universidade também: DOPS, Polícia Federal,

DOI/CODI, Forças Armadas, essa coisa toda. O relacionamento era muito íntimo. E uma coisa que a gente tem que colocar aqui também, os principais oradores da Universidade, o senhor deve se lembrar disso, da Faculdade de Direito era Paulo Pinheiro de Viveiros. E da Universidade como um todo folclorista Luís da Câmara Cascudo. Eles se revezavam nos 31 de março. Fazendo o elogio do Golpe Militar. Eu me lembro muito bem que, quando a ditadura fez a campanha “Ouro para o bem do Brasil”, lembra-se disso?! Que foi comandada por João Valmount, do *Diário de Associados*, que depois o ouro foi para o bem do *Diário de Associados*, quem fez o discurso abrindo a campanha no Grande Ponto, eu e o teu pai, Luciano, a gente meio escondido. Pra não ser identificado por algum dedo-duro, porque foi logo depois do Golpe Militar, quem fez o discurso foi Luís da Câmara Cascudo. O que pra nós não era nenhuma surpresa, porque Luís da Câmara Cascudo foi da Câmara dos 400, que era o Parlamento Integralista. Mas essa parte da vida dele ninguém fala. Porque não é bonito. Mas ele foi o mais, Seabra Fagundes foi integralista, pessoal esquece disso não.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Tem um livro do Cortez. Eu falei aqui no início. Luiz Gonzaga Cortez, mas ele é um livro bastante sinóptico. É um livro que não teve muitas condições, nem materiais, não intelectuais, não teve condições materiais de fazer como realmente ele queria fazer, mas essas figuras eram figuras endeusadas. Por exemplo, o Diretor da Fundação José Augusto, ele era integralista de carteirinha, Hélio Galvão, mais conhecido como advogado do diabo e era assessor jurídico predileto de Aluísio Alves. E era o homem que mandava. Quer dizer, ele escolhia quem podia ser professor ou não da Faculdade Sociologia e Política, do curso de Jornalismo, até que enfrentou uma mulher corajosa, que foi esposa do Quinho Chaves e que separou-se dele e casou com o meu amigo, Leandro Conder, o velho filósofo marxista, Leandro Conder. É, Vanilda, a professora Vanilda, uma mulher inteligentíssima... Obrigado, então, mas daqui a pouco eu aceito. Mas veja bem, a Vanilda, me lembro ela indo lá a casa, reunir com papai, hora de almoço. Uma hora que não despertava suspeita de ninguém, pra montar um esquema de professores e estudantes pra enfrentar a ditadura fascista na Fundação José Augusto, comandada por Hélio Galvão. Sabe-se que Hélio Galvão era

um homem extremamente reacionário. Quem o conheceu, sabe disso. E foi formado na escola do Integralismo. O professor Otto de Brito Guerra foi integralista, mas depois se afastou bastante. Dessas coisas, mas Cascudo ele participava de um famoso pronunciamento do Plínio Salgado as beiras do inferno, daquela parte do inferno lá que Dante descreve. Porque Dante divide o inferno em 9 círculos, eu acho que Plínio Salgado deve ter ocupado os 9, mas se tivesse 10, ele ia pro décimo também. Ele disse “morro feliz porque os meninos estão no poder”, sabe quem eram os meninos? Júlio Barata, Raimundo Padilha. O pessoal todo que foi da Ação Integralista Brasileira, que eram ministros da ditadura. E o Cascudo dizia que Plínio Salgado era um dos intelectuais mais importantes do Brasil. Só que ninguém lê mais. Alguém lê esse figura? Eu tenho certeza de uma coisa: ele não escrevia pior do que Paulo Coelho, com certeza não! Mas é uma comparação que não elogia ninguém. No meu entendimento.

Intervenção de uma voz feminina inaudível: Os espaços da repressão, os aparelhos existiam, e também nós os professores não tínhamos acesso. Exclusivo de pouquíssimas pessoas. Exatamente as pessoas que trabalhavam nessa área da repressão.

Juliano Siqueira: Está respondido?

Carlos Gomes: Marcos Dionísio!

Marcos Dionísio: Bom, quase boa noite! Mas boa tarde ainda! Eu acho que quando o professor Juliano Siqueira fez uso da palavra nesta tarde aqui, eu acho que deu uma chacoalhada num ambiente de mediocridade que está presidindo a atual conjuntura. Eu acho que trouxe assuntos a baila que talvez até por isso o nome dessa Comissão seja Comissão da Verdade: do que “fulanizar” a trajetória das pessoas, eu acho que precisa circunstanciar o tempo e no espaço, o que organizações, e também o que personalidades fizeram. Por exemplo, o papel da Oligarquia Alves. A jocosa notícia das duas capas da *Tribuna*. A campanha vitoriosa de 1874 e a traição de 78. A presença do ministro como Chefe de Gabinete Civil de seu tio, pela Arena e não pelo MDB e o MDB já existia. E ainda não caía numa fusca aqui, talvez coubesse numa bicicleta. Então, assim, eu acho que esse depoimento aqui hoje, talvez Juliano seja a pessoa única indicada pra fazer.

Pela capacidade paquidérmica que você tem de memória, de detalhes, de circunstâncias, e de informações. Eu acho que nós não teríamos hoje, no Estado do Rio Grande do Norte, alguém pra fazer um apanhado como esse. E sei de muitos detalhes que você se furtou de colocar porque se não você iria abrir varias veredas e a gente ficaria aqui até a manhã do dia que vem.

Juliano Siqueira: Sem dúvida, sem dúvida.

Marcos Dionísio: Mas acho que você também, é, foi elegante, foi arengueiro como sempre devemos ser. E colocou um aspecto fundamental, que é o papel da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em se assenhorar do trabalho da Comissão da Verdade. Seu depoimento aqui, meus amigos, deveria está sendo transmitido, nesse momento, na TV Universitária. Esse depoimento é um depoimento que jamais poderia ser feito dentro de uma sala. E eu estou elogiando a presença de todos, estou lamentando as ausências, mas jamais poderia ser comportado dentro de uma sala desta. Acho até que a gente deveria provocar o Departamento de Comunicação ou a própria Diretoria da TVU e a própria Reitora pra que a gente refizesse esse momento na TVU. Porque essa discussão da memória histórica, ela diz respeito a trajetória do povo brasileiro e Sampaiana já dizia, Françoise: “o povo que não conhece sua história, corre o risco de repeti-la”. Essa é uma discussão que a gente precisa massificar, precisamos massificar, porque a tortura é uma cotidiana. Nesse momento, em algum lugar de Natal, tem gente sendo torturada, ou porque está sendo preso pra confessar o que fez e o que não fez, e aí você falava com Fidel Castro, você falava com, deve ter falado até com Stálin.

Juliano Siqueira: Com Mao Tsé-tung.

Marcos Dionísio: Mao Tsé-tung, com Stalin, não é?!

Juliano Siqueira: Mas a pior ligação que tinha, Mosquito, era pra Pequim, porque durava mais.

Marcos Dionísio: Era, durava mais.

Juliano Siqueira: Falar com Mao Tsé-tung. E eu sabia falar chinês?!

Marcos Dionísio: Para ir daqui até pra lá, a conexão tinha que ser em mandarim talvez. Mas eu acho que a emoção que o nosso querido adversário de contendas futebolísticas devotou aqui na sua fala, eu acho que seria isso mesmo, entendeu?! Eu acho que esse momento que a gente está vivendo aqui é um momento histórico, porque você conseguiu, sem nenhum exercício de sectarismo, pelo contrário, acho que você teve um rigor histórico. Estou extremamente feliz, senhor conseguiu pelo menos esquecer alguns nomes, mas montou um painel do que aconteceu na luta pela resistência aqui no Estado. Aos que gravaram, eu peço apenas que corrija aí que na hora da emoção da fala, Juliano se subpotenciou os assassinatos no Chile. Se atropelou um pouco nos números e ficou, na hora que você disse, ficou como se no Chile tivesse 8 mil assassinatos e a gente sabe mais de 30 mil assassinatos, é mais de 100 mil prisões não é?! A circunstância, isso. A outra questão seria que os nomes que você citou aí são pessoas importantes pra gente ir puxando esse novelo da História, né?! Por exemplo, é, acho que Valter Medeiros, né?! Valter Medeiros é alguém que pode contribuir.

Juliano Siqueira: Foi um resistente!

Marcos Dionísio: Além de resistir, é alguém que nessa época conviveu, pode trazer alguns elementos que não foi possível lembrar esse dia né?! Eu acho que outra pessoa interessante seria, seria o jornalista Albimar Furtado.

Juliano Siqueira: Eu citei, não é?!

Marcos Dionísio: Sim?! Você citou.

Juliano Siqueira: Que ele botou a manchete, coitado.

Marcos Dionísio: Exatamente! É interessante Albimar Furtado dar um depoimento aqui porque talvez essa notícia que você trouxe aqui tenha acontecido caso tão inusitado também com outras pessoas no campo da imprensa, não é?! E alguém que tem uma memória também que pode resgatar, eu não sei se o advogado Roberto Furtado já foi convidado, mas acho que seria alguém muito interessante de contribuir aqui conosco.

Carlos Gomes: Marcos, eu poderia fazer um esclarecimento? É, o fato é o seguinte, é que a nossa missão é mais no âmbito da Universidade. Se, por acaso, as informações prestadas, que foram vastas, fora do âmbito da Universidade não ficará perdida, porque eu enviarei para a Comissão que especificamente está fazendo isso.

Marcos Dionísio: Então, é, contribuído agora com alguns nomes, eu acho que é interessante a gente pegar aquele pessoal da reestruturação do Movimento Estudantil né?! Moisés Domingos, Cipriano, Sérgio de Hebe já não está mais entre. Mas tem outras pessoas aí que daquele período ali que pode dar depoimento interessante, porque isso que o Reinaldo levantou aqui e que a professora Justina ressaltou com muita felicidade: havia determinadas áreas ali próximas a Biblioteca Central Zila Mamede que a gente não podia ir adiante. Eu lembro que tinha um bebedouro que a gente tinha que fazer uma fila no outro bebedouro pra beber porque aquele outro bebedouro já ficava próximo.

Carlos Gomes: Lá funcionava a Reitoria.

Marcos Dionísio: Isso! Isso na minha era o que? 1983, 82, 83, 84. Então assim era o momento também que tinha uma, era área de reserva, que a partir daquele momento ninguém passava. Então, eu gostaria de dizer, como nosso doutor falou, que é tudo verdade, pelo menos nos momentos em que você me citou e que sabem que eu convivi, eu diria que é tudo verdade. Não só verdade como, me surpreenderia, se você não tivesse utilizando a verdade. E gostaria também de agradecer a oportunidade de ter podido militar com você. Gostaria de agradecer também a oportunidade, mesmo que você, depois de ter deixado o PC do B, você nunca confundiu sua orientação partidária com a convivência humana, com a discussão científica, com a luta pelo socialismo. E

gostaria de agradecer também pelos seus defeitos. As suas qualidades todos elogiam, mas eu gostaria de agradecer os seus defeitos. Na luta pra gente mudar esse mundo, é preciso ousadia, é preciso irreverência, e às vezes a gente precisa até, como diz a poesia de Brechet: “perder um pouco a ternura”. Às vezes a gente não tem, não é a ternura, ternura é Guevara, a cortesia. Brechet usa cortesia. Eu acho que em todos os momentos da minha vida, que eu militei ao seu lado, você jogou essa energia da gente está sempre lutando pela coisa boa, sempre lutando pela generosidade. E pra encerrar, eu gostaria de dizer que outro dia eu coloquei na internet... Estava tentando resgatar, mas não consegui até agora, isso um pouco que é aquela tua herança. Você falou da herança do farmacêutico, mas tem a herança do poeta também e seu pai tem uma poesia maravilhosa que é “Da vitoriosa canalha”. Eu passei uma noite sem dormir, rindo depois que eu tive conhecimento, depois que eu li essa poesia, são 20 e tantos anos atrás e outro dia eu falei com Ailton Medeiros no Facebook, ele me provocou, eu disse: “rapaz, vou achar” e achei lá em casa nos livros, um pedaço da poesia e depois consegui resgatar o resto da poesia. Mas diz exata, é uma profissão de fé na vida, é um pouco daquilo que você disse, de quem lhe acha chato, começa dizendo “se a canalha me aplaudisse”. Então a gente não tem que ter nenhum receio de ser sectário porque a blogueira da CIA está vindo aqui e a gente tem que fazer cara feia pra ela não, gritar e protestar não. É bom a gente ser sectário. É bom a gente, às vezes, nadar contra a corrente. Às vezes a gente começa a nadar sozinho, mas lá na frente a gente encontra todo o manancial de pessoas interessadas em fazer essa mudança. Então, eu acho que é tudo verdade. Acompanho o voto do relator aqui. Agora, acho a gente não poderia se quedar com esse sucesso, acho que deveria provocar a Magnífica Reitora pra que esse momento fosse um momento compartilhado por todo o povo potiguar. A gente não tem o direito de sermos egoístas.

Carlos Gomes: Professora Justina. Eu queria antes de passar pra Justina, queria dizer o seguinte que nós vamos estudar uma maneira de exteriorizar essa documentação. A gente tem alguma cautela, por exemplo, quem quiser a fita, ter uma formalidade, tem que requerer, porque nós não podemos disponibilizar pra todo mundo. Isso pode ser usado até por quem não deva ter conhecimento, mas – pelo menos – quem receber a fita, que a gente sabe, tem a responsabilidade... Mas, professora Justina.

Justina Iva: Eu queria parabenizar o professor Juliano Siqueira, a quem conheci ainda menino, literalmente, 12, 13 anos de idade já fazendo Movimento Estudantil comigo. E tem uma história de coerência exemplar e é uma das figuras que eu conheci das mais lúcidas e inteligentes, coerentes, isso é fundamental. Portanto, o que houve aqui hoje foi uma verdadeira aula de História e de uma história que a gente também ajudou a construir e que nos faz chegar às emoções muitas vezes. Quando a gente lembra...

Juliano Siqueira: Você estava lá no Restaurante Universitário.

Justina Iva: Restaurante Universitário, nós ocupamos por 18 dias, porque o reitor retirou gêneros e pessoal. Nós íamos pra rua pedir gêneros, um grupo ficava preparando, terminávamos de lavar a louça 10 horas da noite, e íamos para a areia da praia, fazer as nossas reuniões políticas.

Juliano Siqueira: [Inaudível].

Justina Iva: É, a partir das 10 horas da noite, mais algumas coisas. Mas, enfim, aí a gente se lembra de pessoas como Emanuel Bezerra. Kerginaldo, Nuremberg, tantas outras, Jaime Aristón e, assim, além de saudade, da uma indignação muito grande. Saber que nós estávamos defendendo justiça, oportunidades. A democracia e em nome disso, muitos perderam a vida. E, eu queria fazer só uma ponderação à proposta de Marcos Dionísio, meu camarada, porque eu acho que se esses depoimentos forem abertos, eu acho que não podem ser abertos, públicos assim, transmitidos, sobretudo por televisão, porque enquanto a fala de Juliano ele autoriza e libera aqui e em qualquer lugar, outras pessoas que precisam ser ouvidas aqui, se for aberta essa sessão, elas vão se intimidar, vão pouco a vontade e deixarão de contribuir pra esclarecer esses fatos. Eu lembro, particularmente, no caso dos ex-reitores que já acertamos que serão todos convidados e, certamente, um depoimento transmitido ao vivo trará alguns prejuízos em termos das informações que a gente pode colher, não é?! Eu acho que doutor Carlos Gomes conduziu muito bem essa aula de História que tivemos aqui hoje, o próprio professor já disponibilizou pra tornar pública, mas há outros depoimentos que certamente, se transmitidos ao vivo, serão prejudicados. Os seus depoentes poderão

omitir certas informações, ficar pouco a vontade e a gente perde em conteúdo. Obrigada.

Conceição Fraga: Como eu também trabalho com memória, sei que a memória é resignificada, ela é, se você entrevista o mesmo personagem no gabinete dele, na casa dele, no local de trabalho ou num outro local interfere, muda a qualidade das informações que você coleta. Eu até sugiro, sei que vocês gravaram, foi excelente, inclusive mantenho aquela minha proposta, mas dentro da linha que o professor, Presidente da Comissão sugere, ou seja, vamos primeiro coletar. Quando a Comissão trabalhar e tiver todo esse material, ela vai disponibilizar e aí sim, a gente autorizaria uso, não para de imediato. Por quê? Porque se não você começa a ter prejuízo. Aquele personagem que vem aqui, conta a sua narrativa e que é vítima, ele conta indignado e conta com muita vontade querer contar, porque passou 30, 40 anos reprimido de poder dizer isso, mas aquele que vai ser questionado. De porque fez? Aquela repressão etc. e tal não vai ter e aí a gente pode ter prejuízo, eu sugiro até vocês, sugestão, que gravaram essa, mas combinem com o Presidente da Comissão como proceder pra não ter prejuízo, se não a gente vai começar a ter problemas.

Carlos Gomes: Inclusive nós poderemos, mais adiante, retornar, convocar, convidar o professor Juliano. Pra alguns aspectos, alguma coisa. Nós não estamos fazendo, ainda, audiências públicas. Porque audiência pública a gente se perde muito, porque tem muita gente que vai pra uma audiência pública, tem que aparecer de qualquer jeito, aí fica, não sabe nem o que vai perguntar, aí começa a encher linguiça, aí não progride nada. Então, nós estamos no momento dando essa abertura total para os depoimentos e oportunamente nós vamos começar. Vai dar trabalho. O nosso tempo é curtíssimo. Nós temos muita gente. Cada depoimento que se faz, eu já anotei tanto nome que, eu não sei não, vamos ver o que é que faz. Nós vamos ter que fazer mais de, não vai dar uma reunião só por semana. Já temos na próxima semana dois nomes interessantes. Já vou propor que se convoque o rapaz da FACEX, que ele foi indicado como o homem que tomou conta dos documentos. E outros mais, aqui têm vários que eu anotei, eu tenho que passar aí um dia reduzindo aqui pra poder a gente fazer a ata. E tudo isso.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Não, não tenha dúvida.

[Inaudível].

Carlos Gomes: É, exato! Eu quero depois estudar com você como é que a gente vai fazer, que eu quero que fique essa documentação, isso guardado, num local. Eu acho que segunda-feira os bolsistas se quiserem podem vir aqui, às 10 horas eu estarei aqui pra gente ver, fazer a ocupação do espaço. Pra gente ver onde é que vai guardar tudo isso, porque pode haver necessidade de uma consulta ou de alguém querer ouvir pra repassar. Por exemplo, fiquei com uma dúvida muito grande quando o Coronel José Renato falou no período que ele foi da ASI, não sei se foi até 1990, só ouvindo, não tenho certeza não, de 1985 a 90, aí eu fico em dúvida. Foi, não é?! Então, pronto! É por isso que eu pedi que alguém anotasse também, porque de repente, a minha já pode permitir que eu não escute direito. Eu posso errar algum dado. Minha gente olhe, nós estamos num horário já um pouco sacrificado. E o professor Juliano, não, eu sei. O professor Juliano, com certeza, havendo a necessidade, ele voltará outras vezes aqui. Possivelmente, outra vez que ele possa vir, será até mais produtivo porque é claro que ele jogou um tanto da sua emoção. Não é um homem muito afeito, assim, a demonstrar muita emoção, mas eu estava aqui perto dele e vi que, vez por outra. E a emoção, às vezes, confunde a cabeça da gente, a gente perde o fio da meada. Mas, pois não, para não deixar ninguém sem indagação, só peço que sejam breves, porque está muito tarde. E a fita fica difícil, não sei nem o tempo que ela dura aí. Espero que não tenha terminado.

Pessoa não identificada: Acho que a gente poderia aproveitar essa sugestão de Marcos e, já que a gente está com um problema de publicidade, da Comissão da Verdade, como bem falou Juliano Siqueira, professor, a gente poderia solicitar que a Comissão da Verdade, que a Reitoria. Ângela, não é?! Sentasse com Zilmar, que é o Superintendente da TVU, e pensasse um espaço permanente, pelo menos enquanto a Comissão da Verdade existir, para que haja um espaço na TVU, pra cobrir sobre a ditadura militar.

Um espaço na TVU, histórico. De registro, que pudesse cobrir o que foi esse momento, não só pela marca das palavras do professor, mas de outros professores. De outros ex-estudantes da casa, que poderiam cobrir essas matérias.

Carlos Gomes: Como é seu nome?

Pessoa não identificada: Darlan.

Conceição Fraga: [Inaudível].

Victor Darlan: Não, professora.

Conceição Fraga: [Inaudível].

Victor Darlan: Não, talvez você esteja confundindo. Não estou falando os trabalhos da Comissão. Estou falando que Zilmar, enquanto Superintendente, poderia trabalhar junto a Mafessoli o espaço na TVU, que pudesse cobrir. A ditadura militar, paralelo a Comissão.

Ivis Bezerra: Paralelo a Comissão, está certo.

Victor Darlan: É, paralelo.

Carlos Gomes: Eu queria informar que eu já fui solicitado para dar uma entrevista, é um órgão aqui da Universidade, funciona na Rua Açu, que é uma coisa com, eu confesso que nem sei, recebi o e-mail não tive nem tempo de ler. Quinta-feira eu vou gravar, eu não sei bem o que é. Agora, tudo o que eu disser vai ser estritamente do que já ouvi aqui. Eu não vou adiantar nada, se não o que eu colhi aqui. Mas peço permissão desde logo para que o professor Juliano permita que eu cite algumas coisas.

Ivis Bezerra: Eu estou entendendo o que o nosso companheiro aqui, ele está sugerindo é que...

Carlos Gomes: A gente peça um espaço.

Ivis Bezerra: Não é a Comissão.

Carlos Gomes: Exatamente!

Ivis Bezerra: Que a Universidade, através do seu principal órgão de comunicação, comece a fazer um trabalho, levantamento.

Victor Darlan: Não tem esses TVU Rural? TVU esporte?

Ivis Bezerra: A história do período.

Carlos Gomes: Eu acho que vou dar uma entrevista pra essa Rural. Eu lhe garanto, eu lhe prometo, que vou fazer um ofício a Reitora solicitando, dizendo que ouve uma sugestão, na audiência de hoje, pra que fosse aberto espaço, para divulgar e tratar desses temas. Independente da Comissão da Verdade, porque nós temos os “Grandes Temas”, nós temos aquele programa, tem o “Xeque-Mate”, tem “Memória Viva”, que o professor Juliano já prestou, inclusive, eu estou lutando pra que os arquivos de “Memória Viva” possam ser abertos para que a gente possa comprar as gravações, eu não vejo porque a Universidade guarda isso, às vezes, estraga e acabou, depois está tudo perdido. Eu consegui alguns, eu consegui alguns. É uma “Memória Viva” que pode morrer. Eu concordo.

Victor Darlan: Professor, isso aqui foi a minha sugestão e a outra é mais pra preencher uma curiosidade política. Sou estudante de Direito. Milito no Centro Acadêmico Amaro Cavalcante, desde que entrei na Universidade. A gente já tentou, alguma vezes, iniciar um processo de resgate histórico, da militância no CA de Direito, ao longo dessas

décadas. E, professor Juliano, é, pela sua militância no período da ditadura militar, o que você poderia dizer sobre a luta política do DAAC? O Diretório Acadêmico Amorado Cavalcante, antes do período que você foi preso e depois, no período de reorganização do Movimento Estudantil, pelo processo de luta pela Anistia?! Também citando nomes de militantes do DAAC.

Carlos Gomes: Diretório, hoje não é mais diretório.

Juliano Siqueira: Hoje é Centro. CAC.

Carlos Gomes: Hoje, é?!

Juliano Siqueira: CAC, Centro Acadêmico.

Carlos Gomes: Centro?!

Juliano Siqueira: Bom, quando entrei na Faculdade lá na Ribeira, era o CAC. Quando eu saí da prisão, que voltei a Universidade em 1974, não tinha. Eram órgãos colegiados e nós tínhamos o representante de curso, que nós elegíamos. Os diretórios estavam, absolutamente, pós AI-5, depois daquela fase chamada de recrudescimento... Alguns teóricos, particularmente, os companheiros que continuaram no PCB, disseram que o AI-5 foi um Golpe no Golpe. Para nós era apenas uma continuidade do Golpe, nós que defendíamos a luta armada. Eu ingressei na Juventude Comunista, UJC, União da Juventude Comunista, em 1962, eu tinha completado já 13 anos de idade, eu sou de 30 de julho, não foi no aniversário do partido, foi 25 de Março, eu ia fazer 13 anos. Vulpiano me deu de presente um livro que ainda hoje eu tenho, não sei como esse livro escapou, acho que foi a mãe que guardou. Minha saudosa mãe. É *A dialética da Natureza*. “Ao muito jovem camarada Juliano, do velho camarada Vulp.” Esse tratamento que nós tínhamos com ele, respeito que eu tinha... Mas, a Faculdade de Direito, ela surgiu como uma expressão universitária das camadas mais aristocráticas da cidade. Entrar na Universidade era muito diferente de hoje, então, era muito difícil você

de esquerda dentro da Universidade, era mais fácil no Atheneu. Tinha mais massa no Atheneu, no Frei Miguelinho, que era o grande colégio secundarista do bairro do Alecrim, que era o mais populoso bairro da cidade. Não tinha Zona Norte ainda. Natal terminava ali na corrente. Sabe onde é que ficava a corrente? Na Bernardo Vieira, em frente ao Midway. Natal terminava ali. Então... Eu tenho uma memória razoável, me lembro da corrente. Um grande passeio era você atravessar a corrente pra pegar a pista, pra ir até o fim da pista que os americanos construíram pra base de Parnamirim, aquele negócio todo. Bom, mas não é isso que você perguntou. Então, era o pessoal profundamente aristocrático do curso de Direito. Estudantes que tinham carro, que era uma coisa raríssima. Estudante ter carro?! Eu nunca tive um carro na minha vida! Eu, particularmente, nunca tive. Até hoje. Eu casei mais de uma vez, não vou dizer quantas. E algumas companheiras minhas tiveram carro, mas eu nunca tive. Sempre ajudei o partido pelo qual fui candidato aqui, que foi só o PC do B. Porque minha declaração de bens, não tem bens a declarar, não tenho bens a declarar, só... Imposto de renda não tem. Mas era o pessoal aristocrático. Então, quando eu fui pra lá, ao invés de ir pra Sociologia e Política, então eu fui pra Faculdade de Direito, quem era esse pessoal que eu citei aqui que formava o CCC? Era tudo classe média alta e burguesia. Classe média alta e burguesia. Não tinha ninguém de origem popular. Era muito pouco. Eu mesmo, que não era classe média alta nem burguesia, não era de origem popular, eu era filho de uma professora universitária e médico, que nunca teve condições de montar um consultório, mas era médico do estado. Biometrista do estado. Ganhava aquele salário... A gente tinha um nível de vida, na nossa casa nunca faltou comida, remédio, roupa etc. Então, não era classe operária, eu não era filho a classe operária. Então, nós tínhamos uma composição classista, no curso de Medicina era uma coisa terrível. No curso de Engenharia, idem. Porque o pessoal que entrava, era o pessoal que vinha do Marista, era o pessoal que vinha do Salesiano. Dos colégios caríssimos. E a gente vinha do Atheneu porque tinha bons professores. A nossa vantagem eram os nossos professores. Porque nós éramos alunos de, aí vou mandar a modéstia a “PQP”: Esmeraldo; Cascudo, como todo seu ex-integralismo que ele não revelava na sala de aula – por sinal ele falava muito e ensinava pouco, mas era um discurso bonito; Floriano, que fazia discursos maravilhosos; Edgar Barbosa, que era um professor excelente, com toda sua tranquilidade. Ele foi meu professor de Direito Constitucional e nunca levantava a voz,

mas a gente... Era um liberal avançado, eu chamaria até de um democrata radical. E um homem de ingenuidade díspar. Eu escrevi uma prova, porque confiava nele, sabia que aquela prova jamais cairia na ditadura, esculhambando com o Estado Militar brasileiro. E ele era tão ingênuo que ele chegou pra mim “tem que encontrar um meio de publicar”, eu disse: “professor, eu acabei de sair da prisão e não estou desejando voltar viu?!”. Então minha resposta foi essa, imagine em que mundo vivia Edgar Barbosa, não é?! Mas era uma pessoa de todo valor.

Carlos Gomes: Era, era.

Juliano Siqueira: Então, nós tínhamos essa dificuldade. Em 1968, começou a haver uma mudança da composição classista da Universidade. Quando eu cheguei em 74, apesar da ditadura, já havia uma composição de classe mais classe média, mais pra baixo. Tanto na reconstrução do Movimento Estudantil, apesar de toda repressão, meus companheiros fundamentalmente foram Valter, Serginho, Serginho Sapo, Boanerges, Moraes, Juraneide, Gorete Lucena, grande companheira, Osenir, a juíza Soledade Fernandes, a promotora Rossana Sudário. Então, eram várias dessas pessoas eram de origem muito popular. A própria juíza Soledade era uma pessoa muito popular lá do Seridó. A Rossana não vem ao caso, o Giovani Rodrigues não, o pai dele era gerente de banco e tal. Mas nós tínhamos uma composição classista, que já ajudava. Mas, ainda existia uma incidência muito grande de elementos oriundos de camadas abastadas da sociedade e um processo viciado de transferência, que ninguém sabia de onde, até porque as exigências eram quase nada. Teve gente que conseguiu o canudo aqui na Universidade e a gente não sabe onde o canudo começou. Alguns até que dirigem hoje importantíssimas casas legislativas do país. Tem diploma de advogado e se você mandar fazer um *habeas corpus* não sabe fazer. Se mandar fazer uma petição, não, por fora, nem por aqui passou.... O atual Prefeito mesmo... E as poucas em que ele teve que fazer prova, ele foi a minha casa, porque eu morava...

Ivis Bezerra: Juliano?!

Juliano Siqueira: Aí depois que entrei no Sindicato, aí perdi todos os ganhos salariais.

Ivis Bezerra: Não, é que eu queria aqui citar o nosso querido Hélio Vasconcelos, que às vezes a gente perguntava: “fulano de tal, ele é bacharel em Direito”, e ele dizia: “ele se queixa disso”.

Juliano Siqueira: Hélio foi das figuras, por exemplo, o Hélio foi criado por uma tia, uma pessoa paupérrima e Hélio foi um brilhante estudante, pela sua inteligência e pelos bons professores que teve na escola pública, ele é do Atheneu da Junqueira Aires. Daquela geração lá! Então, assim como vários magistrados... Essa questão classista a gente nunca pode dissociar da avaliação da nossa Universidade, porque nossa Universidade, é uma Universidade, queira ou não queira, alguns imbecis, é uma Universidade pública. Isso é fundamental Essa é a sua grande... Não é a toa que a gente está aqui fazendo essa discussão, porque com a discussão da Comissão da Verdade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte acontece aqui e nas outras não?! Não é um acidente. Em política, coincidência é a coisa mais rara de acontecer. Acontece aqui, porque é aqui que tem que acontecer. Se tem que se fazer história na Universidade do Rio Grande do Norte, tem que se fazer história na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Movimento Estudantil, por exemplo, quando a gente fez Movimento Estudantil em 1968, sabe quantas unidades tinha na nossa Universidade? Direito, Medicina, Engenharia, Ciência Política, Farmácia, Odontologia, Contábeis. E as duas agregadas.

Carlos Gomes: Educação, não?!

Juliano Siqueira: Economia e as duas agregadas, então quando... 10. Sabe quantas Universidades tinha em Natal?... Só o Atheneu tinha mais gente do que a Universidade todinha. A massa do Movimento Estudantil era secundarista. E a cabeça era uma mistura da vanguarda secundarista, com a vanguarda universitária. Agora, dos 2 mil universitários, a gente mobilizava 200, 10%. Mas os secundaristas, o nível de mobilização era de 80%. Era uma massa que ia pra rua, disposta a tudo. Então, nós tínhamos uma organização muito, no Atheneu nós tínhamos uma organização.

Carlos Gomes: [Inaudível].

Juliano Siqueira: Não, mas a...

Carlos Gomes: [Inaudível].

Juliano Siqueira: A minha geração era Sezildo, Silvério, que conseguiram entrar na Universidade, outros não conseguiram. A gente conseguiu fechar o Atheneu por 80 dias. A gente enfrentava a polícia, a gente fazia coquetel molotov. A gente estava num nível de autodefesa de massas. Pois é, era uma coisa avançada, então pra nós aquilo era quase pra ter visão da luta armada e tal; e alimentando os nossos sonhos, as nossas ideias. Então, o Atheneu era uma trincheira, uma grande resistência. O Atheneu era uma coisa emblemática, simbólica. A gente chegou a virar um caminhão do exército em frente ao Atheneu e tocar fogo. Você já imaginou? Viramos, tocamos fogo e acabou-se. O trânsito ali ficou e depois quebramos o asfalto e tiramos o paralelepípedo todinho e erguemos as trincheiras e ficamos lá esperando. E quando a rádio patrulha veio a gente respondeu com ovo cheio de piche, coquetel molotov, aí está certo. Foi uma batalha que durou um dia todinho, começou de manhã, terminou no outro dia. Entre mortos e feridos escaparam todos.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Quebrava o pau.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Uhum, ajudei o pessoal, inclusive.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Veja bem , quando eu entrei no Movimento Universitário, eu era o Presidente da APES (Associação Padroada dos Estudantes Secundários) porque a gente tinha reorganizado na clandestinidade, porque era proibido. Uma entidade estudantil,

pela Lei de segurança nacional, reorganizá-la dava de 1 a 3 anos de prisão. Vejam só! De 1 a 3 anos de prisão. Então, alguém tem mais perguntas a fazer?

Juliano Siqueira: Pois não, companheira.

Carlos Gomes: Como é seu nome? Patrícia.

Juliano Siqueira: Patrícia é nossa bolsista, não é?!

Carlos Gomes: Você é do Centro, é bolsista. Quem é a Representante do Centro Acadêmico?

Juliano Siqueira: Danyella, não?! Saiu agora, foi.

[Inaudível].

Juliano Siqueira: Não, Diretório Central dos Estudantes.

Carlos Gomes: Diga Patrícia, pode falar.

Patrícia Moraes: Primeiro eu gostaria de elogiar.

Juliano Siqueira: Obrigado.

Patrícia Moraes: Além de nós dar muitas informações, também é inflamada, digamos que, de uma centelha de sonhos recheados de um período, talvez a gente tenha que ter algumas reminiscências, que nossos antepassados vivenciaram naquele período. Porque a gente ver as passeatas hoje, no período de “relativa liberdade” e é uma coisa pequena, miúda, sem paixão. É o que eu queria perguntar sobre Sérgio de Hebe, mas no caso, já é falecido. Porque num trabalho que eu li... Seu, de Carlos Alberto... Dissertação de

Mestrado dele, orientado por José Willigton, ele cita bastante o Adriel, como alguém que mandava no Reitor.

Juliano Siqueira: É, claro, diretamente, era o homem da ditadura na porta do reitor.

Patrícia Moraes: Pois é, e em entrevista a esse trabalho, o Sérgio de Hebe diz que não tinha uma semana que ele não fosse a sala de Adriel, para prestar depoimento.

Juliano Siqueira: É, era chamado, é verdade, é verdade.

Patrícia Moraes: E isso foi uma extrema tensão, assim, tipo.

Juliano Siqueira: Ele era presidente do diretório de arquitetura.

Patrícia Moraes: Pois é. Então, e que inclusive participou da restauração do Movimento com você.

Juliano Siqueira: Exato! Com a União e Trabalho.

Patrícia Moraes: Pois é, eu vi isso aqui, inclusive sobre a traição do Eloy.

Juliano Siqueira: Jair Eloy.

Patrícia Moraes: É, no caso, o Sérgio de Hebe que poderia ser muito útil, já é falecido. E o Adriel você tem alguma notícia.

Juliano Siqueira: Eu não tenho notícia nenhuma.

Carlos Gomes: Ele é vivo. Eu soube que ele é vivo. Uma pessoa de saúde muito fraca. Debilitada, já tem uma idade avançada, mas nós vamos verificar a possibilidade dele, é,

a possibilidade. Primeiro saber se ele ainda é lúcido. É uma das pessoas que a gente tem que chamar com certa rapidez porque se não... Ninguém nunca sabe.

[Inaudível].

Carlos Gomes: É, eu vou procurar.

Patrícia Moraes: Bom, e a outra colocação que eu tenho é muito mais uma pretensa recomendação do que uma pergunta, porque todos os trabalhos que eu fiz o levantamento bibliográfico, dissertações e monografias, eles citam você. As histórias batem muito, com o que você diz, eu sinto que você tem até mais dados do que os trabalhos, então eu acho que é de suma importância você participar das reuniões, se combinar com a sua agenda, porque vai evitar de a gente fazer, repetir um trabalho já feito, pesquisar coisas que você pode dar...

Juliano Siqueira: Posso responder?

Patrícia Moraes: Sim.

Juliano Siqueira: Porque é o seguinte, companheira, nesse particular aí, nessas coincidências, no meu nome ser citado e tal, não vai – absolutamente – nenhuma questão de valor pessoal. O problema é o seguinte: quando eu saio da prisão. Que volto pra Universidade. Eu saio com um compromisso. Porque, dentro da prisão, a gente teve uma série de discussões, várias discussões, sobre o que a gente tinha feito, as nossas lutas, assalto a banco, sequestro, isso, isso e aquilo e o resultado. Todo mundo, quem não foi assassinado, foi pro exílio, continuava no exílio. Eu saí da prisão, outros companheiros continuaram presos. A gente continuou a luta pra libertá-los. Aí tivemos que fazer os Comitês de Anistia, tal, tal, tal. Isso só culminou com 1979, o pessoal saindo da prisão, o Prestes, o Gregório Bezerra, o Amazonas, o Arruda. Eles só voltaram do exílio em 79, então, eu saí em 74. Então eu tinha uns 5 anos de luta, uma parte do Rio Grande do Norte e outra parte no Rio de Janeiro. Me lembro muito bem, eu

e o Bessa, e o Macyr de Goés, quando a gente foi recepcionar Miguel Arraes no Aeroporto do Galeão. Nem ia parar no Rio de Janeiro, mas o comandante resolveu deixá-lo descer porque tinha duas mil pessoas no saguão do aeroporto cantando frevo, quer dizer, a colônia nordestina foi toda lá, pra receber o Miguel Arraes. E o dia que Luis Carlos Prestes chegou. Prestes, um homem que tinha sido afastado da vida política violentamente em 1964, tinha passado um tempão na clandestinidade, e mesmo depois daqueles 10 anos de prisão do Estado Novo, quando Prestes chegou só tinha no Galeão mais de 10 mil pessoas para recebê-lo. Uma multidão, foi o exilado que teve mais gente. Até porque o Amazonas eu não tava presente, porque o Amazonas foi direto pra São Paulo, onde era a base e onde ficava o comitê Central do PC do B, onde me reuni várias vezes, como membro do Comitê Central do PC do B, quando se dissociou do PCB e criou-se o PPS, essa coisa e tal. E eu me filiei ao PC do B, mas o Prestes foi uma coisa impressionante. O Gregório Bezerra, às 6h da manhã, tinha duas mil pessoas no Galeão para esperá-lo. O retorno de Brizola foi outro momento. Então, quando eu vim pra cá, pro Movimento Estudantil, quando eu saí da prisão, o fato de eu ter essas citações repetidas não tem nada de valor pessoal não, é que eu era o mais experiente mesmo. O resto era tudo gente que tava começando. Então quem tinha alguma experiência, por exemplo, Vulpiano não podia vir organizar na Universidade. Portanto, chegava pra mim, dizia “camarada, esse trabalho é teu”, então, vamos lá! Tem que fazer. E a gente fez uma coisa bem ampla, União e Trabalho. Que não dava a entender que tinha nada com esquerda, com partido comunista. Só que a gente colocava no nosso programa. É, liberdades democráticas, assembleias constituintes, Anistia ampla geral e restrita, fim do 774, legalidade da UNE, fim da Lei de Segurança Nacional, e uma série de reivindicações completas, mais verbas, mais vagas, etc. E procurando se juntar com os professores, melhores salários, melhores condições de trabalho, mas era pouquíssimos os que vinham se juntar a gente, isso é que é verdade. Então, tivemos esses problemas todos, não é?! Mas também virtudes. Agora, o que eu quero deixar muito claro é o seguinte: o que foi feito nesse período de transição, depois sugeriram quadros como Moisés, por exemplo. Moisés quando surgiu no Movimento Estudantil já estava saindo da Universidade, era um quadro jovem, promissor, combativo e tal. Então, surgiu uma geração nova quando você entrou no Movimento, é Mineiro, nós tínhamos saído,

porque contemporâneo, por exemplo, PC do B, o PC do B era uma figura, era Glênio e o Centro de Exatas, ele fazia Química, salvo engano. Hein? Geologia! Exatamente!